

**COMUNIDADE E UNIVERSIDADE:
ESTRANHAMENTOS DA CONEXÃO EXTENSIONISTA NA LOMBA DO
PINHEIRO (2009)**

Cultura e Educação

Camila Albani Petró¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

O artigo procura descrever e problematizar a atuação na extensão “Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares” (MEC/UFRGS), realizada no território do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, em 2009. O projeto de oficina em relação ao patrimônio, história e memória, baseado na utilização e estímulo da fotografia e escrita, visava causar estranhamentos dos opinantes quanto ao local de moradia. Incentivando o desenvolvimento do pertencimento local, no sentido de conhecer o passado para atuar no presente, buscamos demonstrar o quanto e como somos sujeitos históricos, envolvidos num determinado tempo e espaço. Para tanto, o espaço físico (mas também simbólico) “museu”, como conceito, teve que ser incorporado ao projeto, juntamente às perspectivas da “museologia comunitária” e de “educação patrimonial”. A oficina, por conseguinte, em função de algumas atividades extras, estendeu-se um pouco mais que o planejado, porém o sistema de vários encontros possibilitou maior contato e aproximação recíproca, e mesmo os objetivos não tendo sido atingidos plenamente, a troca de experiências e conhecimentos demonstrou o quanto se faz necessário o acesso de ambas as partes (comunidade e universidade) no território em que, na maioria das vezes, acaba restrito a grupos diferentes – e restritos. Desta forma, o estranhamento pretendido pode não ter acontecido da maneira prevista, porém nesta análise *a posteriore*, acredito que cada sujeito (oficineiros e opinandos) significou as atividades conforme sua historicidade, *entranhando* os conhecimentos, sejam os considerados supostamente populares ou supostamente científicos, mas todos como *saberes*.

Palavras-chave: estranhamento, museu, Lomba do Pinheiro.



¹ Graduanda de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Introdução

Divisões entre centro e periferia é algo existente há muito tempo, e não somente num âmbito global (estados, países, continentes), regionalmente isso também se constata. Pensar e agir conjuntamente requer o conhecimento do que se quer atingir. Sendo assim, levando em conta a Lomba do Pinheiro como periferia em relação ao centro de Porto Alegre, e pensando o que seria o problema central, chegamos a algumas conclusões.

O ponto específico que decidimos abordar diz respeito às relações morador e seu lugar de moradia, pois na maioria dos casos, lugares afastados dos centros (caso da Lomba do Pinheiro) acabam se tornando cidades-dormitório, não havendo espaço, às vezes, para a criação de identificação e pertencimento do indivíduo com este local. Como objetivo específico em relação ao chamado problema principal, estava causar alguns estranhamentos quanto ao lugar em que se está inserido, incentivando o desenvolvimento de pertencimento ao local.

Neste sentido, o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião, que foi fundado em 2006, é das primeiras instituições fundadas num bairro de periferia no Brasil, sendo que tem por objetivos a partir da memória individual e coletiva, contar a história do bairro Lomba do Pinheiro sob o olhar de seus próprios habitantes. O museu está associado ao IPDAE (Instituto Popular de Arte-Educação), e tem uma historiadora responsável, também moradora do bairro, Cláudia Feijó. Diversas atividades envolvendo educação patrimonial são realizadas e, desta forma, o programa Conexões de Saberes em 2009, associou este local como território de atuação para bolsistas, que tinham como pressuposto, terem origem popular (levando em consideração renda entre outros aspectos)². Com base na larga pesquisa de campo no bairro, alguns conceitos imprescindíveis para o entendimento das perspectivas de um museu, frisando a questão da museologia comunitária, de forma dinâmica e interativa no que diz respeito à Lomba do Pinheiro, trabalhamos na montagem da oficina, que tinha por base a educação patrimonial.

Os encontros das oficinas, porém, não tinham somente o foco de pertencimento local, também visavam estabelecer o estranhamento dos jovens em relação àquele local em que estão inseridos, de forma a problematizar os problemas enfrentados (falta de infra-estruturas básicas – lixão próximo, luz não regularizada pela prefeitura em determinados locais, escola em contêineres em frente ao museu, entre outros).

² O projeto desenvolvido esteve sob orientação da Professora Dr. Zita R. Possamai, e a oficina foi desenvolvida juntamente com a bolsista Adriane Anger, graduanda do curso de Letras-UFRGS e moradora da Lomba do Pinheiro.

Material e Metodologia: a comunidade como território

Por meio do museu comunitário, temos um foco que está ligado, primeiramente, ao próprio conceito de museu que, segundo Suano (1986), tem seu papel junto à sociedade se modificando a partir do século XIX³. O segundo ponto é o fato de ser um museu *comunitário*, outro conceito que foi preciso focar na atuação. Com base em Ocampo e Lersch (2002) o contexto em que as comunidades locais estão inseridas é importante para reconhecer a atual pressão que sofrem pela sociedade dita dominante, pois “tende a desarticular seus mecanismos de integração e deteriorar suas bases materiais”⁴. Com isso, o museu comunitário, além da comunidade ter poder de decisão, deve conter temas que valorizem e resguardem suas histórias e conhecimentos e, o museu deve valorizar suas próprias (da comunidade) experiências. Como salienta Varine⁵, com o conceito de *ecomuseu*, cada vez mais, pós década de 1970, a museologia se adapta aos princípios do desenvolvimento sustentável. Esta nova museologia, que tem origem e se baseia na essência comunitária, acredito que possa ser sintetizada de forma rasa pelo seguinte argumento de Varine: “O ecomuseu não é visitado, é vivenciado”⁶.

Com estes pressupostos, buscamos através da educação patrimonial, problematizar alguns pontos em principal. Primeiramente, adotando o conceito de Evelina Grunberg, em que patrimônio cultural “são todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos vão se acumulando com as das gerações anteriores”⁷ e que, a educação para o patrimônio tem um viés educacional claro, que engloba, no caso do museu de história, ações educativas que contemplem sua função. Esta função não pode ser apenas a do divertimento, porém deve atrair o público para o aprendizado não formal a qual está destinada. Studart (2004) ressalta o fato de que qualquer museu tem função educativa, seja ele comunitário ou não, e que as ações educativas devem ser concebidas como processo “em que a tônica seja o diálogo, a troca, e a construção conjunta de conhecimento”⁸.

A oficina tinha o formato de oito encontros, onde trabalharíamos com fotografia e escrita, na tentativa de “olharmos” o bairro (ou parte dele), e também de incentivo a

³ SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: editora brasiliense, 1986.

⁴ OCAMPO, Cuauhtémoc C. e Lersch, Teresa M. *Los museos comunitários como uma estratégia e desarrollo y conservación*, IN: POSSAMAI, Zita R. e ORTIZ, Victor (org.). Cidade e Memória na globalização. Porto Alegre: Unidade editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2002, p. 132.

⁵ VARINE, Hugues de. *O ecomuseu*, IN: Ciências e Letras. Porto Alegre, n. 27, 200, jan./junho. P. 61-90.

⁶ VARINE, Hugues de. *O ecomuseu*, IN: Ciências e Letras. Porto Alegre, n. 27, 200, jan./junho. P. 76.

⁷ GRUNBERG, Evelina. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

⁸ STUDART, Denise Coelho. “Educação em museus: produto ou processo?”, IN: MUSAS, Revista Brasileira de Museus e Museologia. Volume 1, nº. 1, 2004, Rio de Janeiro.

escrita, já que o museu tem uma sede de biblioteca junto a ele. O título do projeto era “Da Imagem às Letras: memória, história e patrimônio entre fotos e palavras”, e contaria com jovens da comunidade, interessados na reunião em sábados à tarde no museu. A utilização da fotografia era em preto-e-branco, para causar mais um estranhamento, e as fotografias eram em máquina digital.

Em linha gerais, a primeira oficina seria de localização espacial de si e do outro no local em que se vive, tanto globalmente, como localmente. Com a utilização de mapas trabalhar a localização geográfica da Lomba. Para isso começaríamos trabalhando numa perspectiva “universal”. Com fotos de pontos “históricos”, os alunos localizariam lugares dos continentes, depois mais especificamente na América, Brasil (estados), Rio Grande do Sul, Porto Alegre, chegando a Lomba do Pinheiro, num globo terrestre. Quando estivéssemos na Lomba, com um mapa “visual” (algumas peças, com pontos principais) em que eles teriam que montar a Lomba, levando em consideração a “Lomba ontem e Hoje” (urbanização).

O segundo encontro trabalhando conceitos sobre a percepção dos alunos, trabalharíamos as perspectivas da museologia comunitária, pois é face integrante do museu. Os conceitos trabalhados seriam de signos/ simbolismos; Patrimônio, História, Memória e Museus (nesta parte dividíamos uma folha ofício em quatro partes para que os alunos façam uma imagem de cada conceito. Isto antes de falarmos sobre eles, para que possamos ter uma noção da noção que é carregada intrinsecamente por eles). Por fim, faríamos a “Lomba Ontem e Hoje”: com base nas fotos que o museu comunitário disponibiliza, contaríamos a história da Lomba, que ao mesmo tempo é deles.

No terceiro dia, basicamente com uma saída de campo pretendíamos propiciar uma integração com o local, as diferentes visões que o foco de cada um (englobando nós, bolsistas) pode ter de um mesmo lugar com o olhar condicionado pela câmera e pela sua subjetividade, ou seja, o recorte pessoal. No quarto encontro, a reflexão sobre os diferentes recortes nas diversas fotos, interagindo com um breve esboço, curiosidades, em relação à fotografia. No quinto, a interação que já é citada no título da oficina. Relacionar as fotos com a “fala” que ela pode ter, ou seja, “da imagem às letras”. Sexto encontro de sábado, basicamente como o segundo encontro, trataríamos de conceitos, com o intuito que se diferenciem, em linhas gerais, as diferenças dos tipos diferentes de escrita (no caso seriam trabalhados Lenda, Mito e História). Sétimo encontro estava dividido em duas partes, num primeiro momento além de propiciar que exponham as diferentes “histórias da

Lomba”, que serão pedidas no final do sexto encontro, para marcar a localidade, e demonstrar que os conceitos que trabalhamos não estão tão distantes deles, faríamos um trabalho de escrita sobre as fotos dos outros (mesmas fotografias que deveriam ser trazidas no quinto encontro). Na segunda parte, voltaríamos a tirar fotografias no bairro, para distinguir as diferentes visões, com o tempo que passou desde a primeira saída de campo.

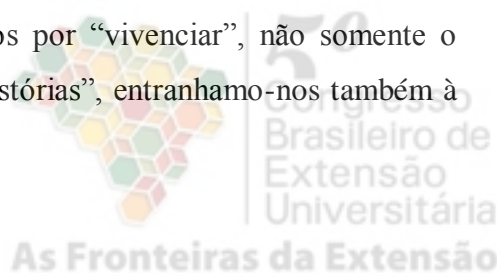
Por fim, o oitavo encontro, um passeio ao centro, com a intenção fazer uma interação com as demais oficinas. Desde a localização geográfica, aos diferentes lugares, já que pretendíamos mostrar fotografias do centro de Porto Alegre durante as oficinas. Se fosse possível tirar fotografias, faremos uma análise posterior delas.

Resultados e Discussões

Como salientei, este foi o projeto em linhas gerais, pois no decorrer da oficina, foi sendo adaptado. Tivemos aproximadamente dez oficinas, e a oficina teve, por fim, nove encontros. Não foi possível a saída ao centro e, as mudanças foram em função de uma oficina extra para a semana dos museus sobre direitos humanos, em que os alunos também tiraram fotografias que foram expostas no museu para o evento, além de que alguns encontros estavam sobrecarregados e tiveram que ser rearranjados de acordo com o tempo. A descrição completa de como aconteceram os encontros pode ser visualizada no blog que foi criado para o território pelos bolsistas no período, sendo que outros projetos também foram executados com diferentes bases estruturais.⁹

Conclusão

De modo geral, a oficina teve bastante frequência, porém alguns debates eram demasiadamente cansativos e, visualmente os oficinas, tinham uma necessidade especial, que era a fala. O contato inicial demonstrou dificuldades de expressão dos mesmos, porém com o tempo, necessitavam contar suas próprias histórias, muitas vezes dificuldades. Um ponto que mesmo nós bolsistas e oficinas não estávamos tão preparadas para atuar, pois a carga emocional e psicológica de cada história não existia em si na teoria, e nem tinha sido prevista, mas acabamos por “vivenciar”, não somente o museu e o bairro Lomba do Pinheiro, mas também “histórias”, entranhamo-nos também à pessoas e lugares.



⁹ O blog pode ser acessado em: <http://conexlomba.blogspot.com/>.

CONCERTO DIDÁTICO: PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E FORMAÇÃO DE PLATÉIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MACEIÓ.

Responsável pelo trabalho

SOUZA, Nilton da Silva.

Instituição

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Nome dos Autores:

SOUZA, Nilton da Silva; FREIRE, Nicole.

Resumo

A aproximação de jovens com a música erudita pode despertar a sensibilidade musical assim como desenvolver em crianças e adolescentes habilidades intelecto motoras. O Concerto Didático da Orquestra da UFAL propõe-se a despertar e sensibilizar para a música erudita ao mesmo tempo em que se respalda no viés educativo tendo em vista as atuais proporções do ensino de música na escola. Metodologicamente a estrutura do concerto foi pensada para alunos leigos onde a divisão em etapas garante a fácil assimilação do papel dos músicos, do regente e da forma de apreciação da música produzida por uma orquestra. O aluno é estimulado a participar, a vivenciar a música enquanto ouvinte crítico e participativo. Deste a criação do Concerto Didático, que atendia cerca de 250 alunos por ano, o projeto passou pelas mãos de diversos regentes mantendo sempre o foco nas metas educativas e conseqüentemente da formação de platéia. Embora as proporções tenham aumentado consideravelmente com números de alunos atendidos na ordem de 1600%, esse projeto tende a aumentar suas metas anuais. Atualmente o concerto didático configura-se como um projeto de extensão permanente, compromissado com a educação musical em Alagoas. Os resultados obtidos fazem com que a atividade extensiva preze pela excelência acadêmica onde o ensino gera extensão que gera pesquisa. A tradução desses resultados pode ser refletida em mais de 20.000 alunos atendidos entre os anos de 1998 e 2011.

Palavras-chave

Concerto Didático – Educação – Arte

Introdução

O Projeto Concertos Didáticos foi iniciado pela Orquestra da UFAL em meados de 1998 pelo regente holandês Nicholas Grosse Vale. A iniciativa foi ganhando



proporções maiores com o passar dos anos. Inicialmente o objetivo principal estava voltado à criação de público para a música de orquestra, entretanto, devido aos bons resultados alcançados, o viés do ensino ganhou força e tornou a atividade extensionista numa forma de educação musical por meio da audição crítica do repertório erudito.

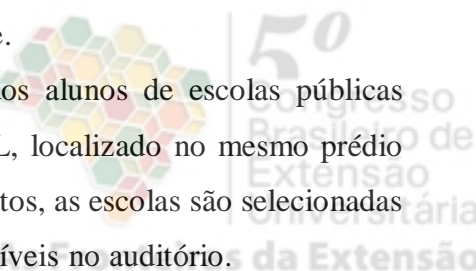
As atividades didáticas da Orquestra continuaram nos anos seguintes com a mesma perspectiva de formação de público quando a maestrina Flávia Vieira assumiu a regência, dando prosseguimento aos projetos que estavam sendo realizadas pelo grupo. Em 2005, por meio de uma parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), o Concerto Didático da Orquestra da UFAL ampliou-se consideravelmente, realizando apresentações que reuniram até 400 estudantes. A partir de 2010, o planejamento junto a Coordenação de Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão e o envolvimento de alunos e professores dos Cursos de Música e da Escola Técnica de Artes (ETA), proporcionou uma nova etapa no desenvolvimento do projeto. Nesse período, o regente José Alípio Martins assume os concertos didáticos e passou contar com uma equipe de apoio formada pelo regente Nilton Souza e a equipe da CAC. Em 2011, uma parceria onde a Secretaria de Educação do Município de Maceió (SEMED) disponibiliza o transporte dos alunos, possibilitou a realização com formato onde os estudantes saem das escolas para assistir ao Concerto no auditório do Espaço Cultural da Ufal.

Material e metodologia

O Concerto didático tem duas dinâmicas de execução: a primeira trata da ida da Orquestra até a escola para a realização do Concerto; na segunda os alunos são levados até uma sala de concerto onde assistem a apresentação da orquestra.

Na primeira dinâmica, realizada em todo o ano de 2010, observamos as deficiências da locomoção e logística para a realização da atividade principalmente pela falta de estrutura e de recursos acústicos (como salas adequadas à música) nas escolas públicas para atender as demandas de uma orquestra. Nessa atividade foi observada a participação de toda a escola no evento: alunos, professores, funcionários administrativos e de serviços gerais, além da comunidade.

A segunda dinâmica possibilita a locomoção dos alunos de escolas públicas municipais até o auditório do Espaço Cultural da UFAL, localizado no mesmo prédio onde está a sala de ensaios da Orquestra. Nos dois formatos, as escolas são selecionadas pela SEMED de modo a preencher os 450 lugares disponíveis no auditório.



O Concerto Didático compõe-se de três etapas: na primeira etapa os alunos recebem instruções iniciais ainda na escola com o professor de Arte ou música sobre o que é uma orquestra, os instrumentos que a compõem e que tipo de música é produzida. Essas instruções são acompanhadas por um dos regentes da orquestra que faz visitas às escolas escolhidas da Rede Municipal de Educação. Na segunda etapa os estudantes assistem a apresentação da orquestra onde são apresentados aos instrumentos, os naipes em *solí* e *tutti* orquestral. São apresentadas obras do repertório sinfônico mais conhecido e também de compositores brasileiros. Na última etapa os alunos são levados a ter contato com os instrumentos da orquestra e a entender um pouco o papel do regente a frente do grupo.

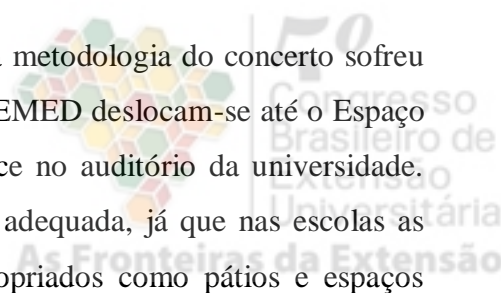
Resultado e discussões

O Concerto Didático da Orquestra da Universidade Federal de Alagoas atendia em 1998 um público estimado em cerca de 250 (duzentos e cinquenta) alunos. Em 2010 apresentou-se a um público de cerca de 4.000 (quatro mil) alunos. Esses dados quantitativos refletem um aumento de 1600% em relação ao público atendido embora, em termos qualitativos os avanços tenham sido bem maiores.

O concerto didático configura-se como um projeto de extensão permanente, comprometido com a educação musical. Os resultados obtidos fazem com que a atividade extensiva preze pela excelência acadêmica onde o ensino gera extensão que gera pesquisa. Atualmente o Concerto Didático atinge diretamente cerca de 4.000 alunos por ano.

Desde 2010, o projeto Concerto Didático acontece em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED). A parceria configurou-se como elemento imprescindível para a consolidação da ação, consistindo na articulação junto às escolas públicas, priorizando aquelas que já possuíam algum trabalho relacionado à música. Nesta ocasião, os músicos da Orquestra deslocavam-se até as unidades escolares, realizando o concerto didático em suas instalações.

Em 2011 a parceria teve continuidade, porém a metodologia do concerto sofreu modificações. Nesta etapa, as escolas indicadas pela SEMED deslocam-se até o Espaço Cultural Salomão de Barros, onde o concerto acontece no auditório da universidade. Dessa forma, os músicos têm uma acomodação mais adequada, já que nas escolas as apresentações eram feitas em locais nem sempre apropriados como pátios e espaços



pequenos que não comportavam o número de integrantes da orquestra. Outro benefício da mudança é poder proporcionar aos estudantes uma vivência fora dos muros escolares, deslocando-se até um ambiente diferente onde normalmente acontecem os concertos, tendo assim uma experiência estética mais completa.

Conclusão

O Concerto Didático é um marco do papel da Universidade em fazer com que a Educação Musical através da orquestra seja disponibilizada aos alunos da Rede Pública de Ensino de Maceió. Os benefícios são hoje quantificados na ordem de mais de 20.000 (vinte mil) alunos atendidos diretamente entre os anos de 1998 e 2011 e que certamente se tornarão agentes formadores para que tenhamos uma sociedade mais educada musicalmente.

CULTURA, INCLUSÃO, CIDADANIA E ARTE: RELATO DE VIVÊNCIAS NO PROJETO ÁGUIA AGITO

Juliana Dornelles de Souza¹
Cintia Mara Luz²
Elisabeth Garcia Costa³

Este artigo busca dar conta do relato das experiências vividas através da inserção comunitária no projeto Águia Agito, as atividades foram realizadas desde agosto de 2010 com trabalhos de artes visuais e jogos lúdicos. As vivências foram voltando-se desde seu início para a facilitação da cidadania, buscando a participação, o desenvolvimento da reflexão crítica, e o estímulo a criatividade. Estando entre as premissas do projeto promover a socialização e a inserção social de crianças e adolescentes da periferia de Santa Cruz do Sul, através da cultura, da arte, e da educação em prol do resgate da memória afro-brasileira. As oficinas participativas têm obtido bons resultados na formação da autonomia, e propiciado a re-significação de valores, emoções e conhecimentos.

Palavras chave: cidadania, reflexão crítica, memória afro-brasileira



¹ Estudante do quinto semestre do curso de Psicologia, integrante voluntária do Núcleo de Ação Comunitária da Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC, e do Projeto Águia Agito. Responsável pelo trabalho.

² Publicitária e Coordenadora Executiva do Projeto Águia Agito, 2010-2011.

³ Técnica do Núcleo de Ação Comunitária da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC.

HISTÓRICO E CONTEXTO DO PROJETO ÁGUIA AGITO

O início das atividades deu-se em agosto de 2010, na primeira reunião a instituição foi apresentada a mim e mais alguns colegas pelas representantes Marta e Cíntia. Sai conhecendo o básico sobre a entidade e o projeto ao qual eu havia me inscrito, abaixo segue uma breve descrição da instituição em sua infra-estrutura com o quadro de colaboradores e voluntários. A SCB União foi fundada em 1923 na cidade de Santa Cruz do Sul, a ideia era a de construir um espaço de lazer e confraternização da comunidade afro do município, pois neste período não era permitida a entrada destes nos clubes brancos. Além disto, a cidade é predominantemente de colonização germânica, onde atualmente segundo estatística divulgada na publicação Santa Cruz em números, (Editora Dreher), baseada em informações coligadas por pesquisadores e estudiosos da Universidade de Santa Cruz do Sul, 23% dos santa-cruzenses são negros e pardos(auto-declarados).

E neste todo, é importante resgatar o processo e contexto histórico de criação do Projeto Social Águia Agito. Com a construção da sede a vida social dos descendentes afro passa a possuir um espaço próprio, onde são realizadas festas, bailes de debutantes, clube de mães e reuniões, além da prática esportiva principalmente na época, o futebol. Em data não conhecida houve a fundação da Escola de Samba Acadêmicos do União, passando esta então a assumir um importante papel cultural. Por meados das décadas de 90 a SCB União entra em declínio, deixa de ser referência durante as mais diversas atividades anteriormente desenvolvidas, para ser lembrada e reativada somente no carnaval. Seu prédio já chegou até mesmo a quase ser interditado pelo corpo de bombeiros e considerado impróprio para utilização pelo risco de desabamento. Em 2007 membros da diretoria da época, perceberam que durante os ensaios de carnaval muitas crianças ficavam observando componentes da bateria tocar. Muitas tentavam aprender, mas, como o tempo era pequeno até o dia do desfile, algumas acabavam não aprendendo e ficavam de fora da apresentação na avenida do samba. Pensando no futuro da escola de samba e na entidade, foi criado o projeto voltado para crianças e adolescentes com oficinas de percussão, arte e cultura afro.

Sonharam em montar um projeto de percussão voltado para adolescentes, isto porque nos ensaios viam muitos destes querendo tocar e não sendo permitido, pois era preciso saber tocar. Depois de muito pensarem e enviarem suas ideias para receber o apoio financeiro das mais diversas instituições, o projeto Águia Agito: Resgate e Valorização da Cultura Afro-brasileira através do carnaval foi, aprovado pela Rede Parceria Social/2 Edição (Secretaria de Justiça e Desenvolvimento Social do Estado do RS/Fundação de Educação e Cultura do Sport Clube Internacional/Walmart). Em junho de 2009 iniciou-se o projeto com 50 adolescentes e crianças, as dificuldades iniciais foram muitas, mas a persistência de todos os idealizadores também.



Foram buscados novos apoios e conquistados novos recursos, a partir de 2010 a prefeitura municipal passa a ceder um ônibus para o deslocamento bairro centro/centro bairro. Sendo o lanche doado pelos próprios voluntários, neste ano os encontros de percussão passaram a ser realizados de uma até duas vezes por mês devido a falta de recursos, este período foi de setembro a dezembro 2010. E neste contexto foi o qual eu realizei minha inserção comunitária, no mês de agosto tive somente a reunião com a Marta e a Cíntia, sendo que entre setembro e dezembro participei dos 4 encontros mensais. Ouve um ou outro encontro a mais, os quais não pude comparecer.

CRIATIVIDADE, REFLEXÃO CRÍTICA E AÇÃO

Dentro do Águia Agito a demanda a qual me foi repassada desde início era a de atendimento as crianças pequenas, estas vinham junto com os irmãos adolescentes. Como o Águia Agito não havia sido projetado para crianças elas estavam quase sem atividades, e por algumas vezes ficavam correndo em meio as aulas de percussão. Como propostas comecei a trazer diversas brincadeiras, porém o único material disponível era lápis de cor, um pouco de cola, três pinceis e revistas para recorte. Como não havia livros infantis, para poder disponibilizar outras atividades, consegui através da ajuda de uma amiga utilizar as nossas cotas de livros, assim retirávamos na biblioteca infantil da Educar-se/Unisc.

Com a chegada da verba no final de fevereiro foi possível comprar tintas, mais pinceis, tubo de cola grande, folhas de ofício e desenho, EVA, canetas hidrográficas, giz de cera entre outros. Hoje também já conseguimos dispor de uma biblioteca montada com livros do PNLD e doações da comunidade, com obras para todas as idades. Onde agora podemos destacar a participação dos alunos do NAC pela inserção comunitária, pois neste semestre de 2011/01 estou fazendo parte da equipe integrante do Águia Agito e recepcionado os colegas da psicologia, história, direito, letras e ensino médio-Escola Educar-se. A Camila da Enfermagem já fazia parte e agora me integro a equipe, sendo do curso da psicologia. A troca de experiências tem propiciado diversos debates e ações voltadas a reflexão crítica, cidadania e ação comunitária. Para tanto, estão sendo desenvolvidas oficinas baseadas nos pressupostos teóricos de Paulo Freire, Edgar Moran e Virgínia Moreira. Temos buscado compreender estes três autores de forma dialética, e nos apropriarmos das metodologias participativas da pesquisa ação.

Entre as oficinas desenvolvidas com as crianças de três a dez anos, estão as de reflexão, arte e criatividade. Dentre estas a hora do conto com a história: “Ah, Cambaxirra, Se eu pudesse...” de Ana Maria Machado. Onde foi desencadeada uma discussão sobre como as crianças conseguiram interpretar a história, e o cotidiano de cada uma. Trabalho com giz de cera e lápis de cor, técnica de Frottage, desenhar sobre e com elementos da natureza com relevo. Utilizando: folhas verdes e secas; pedras, parede, terra, areia; cascas de árvores, flores, galhos; esponja, etc. Brincadeiras de roda e cantigas, além da “produção das próprias massas de modelar”, e o trabalho imaginando minha casa no futuro. A seguir seguem fotos das diversas oficinas.

DESENHO E PINTURA



MINHA CASA NO FUTURO



MASSA DE MODELAR





Ainda é muito cedo para apontar e discutir resultados, pois o início de todo este processo de apropriação e elaboração teórica vem sendo desenvolvido deste maio deste ano. No entanto, podemos apontar a expressão da afetividade entre as crianças e adolescentes, onde a colaboração e união na hora de realizar alguma atividade têm demonstrado que as mudanças estão acontecendo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 11. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Ah, Cambaxirra, se eu pudesse**. São Paulo: FTD, 2003.

MORAN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOREIRA, Virginia. **Personalidade, ideologia e psicopatologia: A facilitação da cidadania: caminhos para a intervenção clínica**. São Paulo: Escuta, 2002.

ENCANTOS E ENCONTROS: EXPRESSÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS DESENVOLVIDAS POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Área Temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Vânia Seidler Paulino

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

Nomes dos Autores: 1- Vânia Seidler Paulino; 2- Simone Simões Fassarella; 3- Janielli de Vargas Fortes.

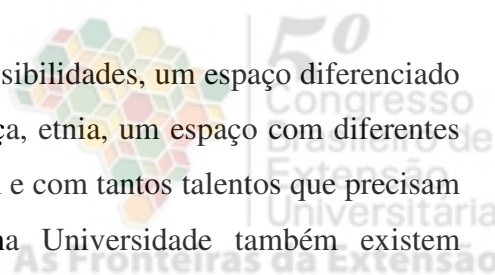
Resumo

Este artigo trata-se de um relato da experiência do Projeto denominado Encantos e Encontros iniciado em 2010 no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). As atividades desenvolvidas tem como objetivo favorecer a interação entre os estudantes dos diferentes cursos, servidores do Ceunes e comunidade em geral contribuindo para a melhoria da qualidade de vida através da expressão artístico-musical. São oferecidas Oficinas de Coral, Violão e Dança de Salão a aproximadamente 100 participantes proporcionando um ambiente de agradável convivência e de troca de experiências. Por este Campus ainda estar em processo de construção, ainda faltam muitos recursos sociais, principalmente atividades voltadas a atividades culturais e de desenvolvimento humano. Desse modo esse Projeto tem sido pioneiro em abrir as portas da Universidade no Município de São Mateus - Espírito Santo (ES) a toda comunidade Universitária, à comunidade mateense e a municípios vizinhos. Apontamos como principal resultado o despertar de interesse dos participantes (ainda não-universitários) para a inserção nos curso de graduação da Universidade.

Palavras-chave: Cultura, Interação, Extensão Universitária.

Introdução

O ambiente da Universidade apresenta-se cheio de possibilidades, um espaço diferenciado de conhecimento onde se misturam cultura, língua, raça, etnia, um espaço com diferentes tipos de pessoas com ideais e sonhos que se entrelaçam e com tantos talentos que precisam ser reconhecidos e valorizados. Por outro lado na Universidade também existem circunstâncias que levam à situações de estresse, o que constitui um desafio, pois diante de



tantas responsabilidades, estudantes e servidores acabam por não terem tempo para pensarem em seu próprio bem-estar físico e mental. É notório que as expressões artísticas e culturais alteram o cotidiano das pessoas, incluindo em seu dia-a-dia, alegria, bom humor, sentimento de satisfação consigo mesmo e com o mundo, bem-estar com o corpo e com a alma. Pensando nisso foi proposto o Projeto de Extensão: Encantos e Encontros no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes) – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) voltado aos estudantes e servidores do Ceunes assim como para a comunidade em geral.

O Ceunes, por ser um Centro relativamente novo e ainda em processo de construção, ainda não dispõe de espaços de convivência. Estudantes e servidores ao terminarem suas atividades (acadêmicas e administrativas) acabam deixando o Campus após a sua rotina diária, ou seja, não “vivem a Universidade” em seu sentido pleno, nem conseguem encontrar na Universidade, espaço de aconchego, de trocas de experiências. A comunidade local não encontra no Ceunes uma abertura para adentrar aos seus muros. Esse projeto, nesse sentido, tornou-se uma referência muito positiva, pois iniciou em 2010, um movimento vivo de abertura do Centro às novas possibilidades que ações artístico-culturais podem proporcionar.

Destacamos enquanto objetivos desse projeto: Desenvolver atividades ligadas às expressões artístico-musicais visando o desenvolvimento humano e social dos participantes; Promover ações de interação e integração no ambiente da universidade; Favorecer iniciativas de valorização e reconhecimento das potencialidades dos participantes e Estimular o interesse pela cultura como forma de ampliar as perspectivas sociais e profissionais de pessoas ligadas, de alguma forma, a este projeto.

Por ainda ser um projeto novo, espera-se que este venha despertar o interesse dos estudantes e servidores em contribuir com a Extensão Universitária no sentido de produzir pesquisas a partir das experiências vivenciadas e na publicação e publicização das experiências vivenciadas. O sentido da extensão realmente se concretiza quando diferentes atores sociais se juntam e saem de dentro de suas paredes institucionalizadas para marcarem presença nesse espaço tão rico que é Extensão Universitária. Muito mais do que se fechar às teorias e a conclusões antecipadas é preciso que as pessoas tenham oportunidades de experimentar novas experiências, entrar em contato com diferentes

pessoas, possibilitar o acesso livre ao contato com as diferenças, esse é o real sentido da extensão e esse projeto permite que isso aconteça.

Material e Metodologia

Para alcançarmos os objetivos propostos foram realizadas as seguintes atividades em 2010 e 2011:

1. Oficina de Canto Coral. Esta atividade foi iniciada em Outubro de 2010 graças a parceria junto à Secretaria Municipal de Cultura que nos cedeu uma servidora com formação em Música; Participaram em média 15 pessoas, sendo estudantes, servidores do CEUNES e comunidade em geral. A atividade foi realizada todas as quartas feiras no Campus do Bairro Litorâneo. Em 2011 contamos com aproximadamente 30 membros, inclusive com participantes vindos de municípios vizinhos.

2. Oficina de Violão. Esta atividade foi iniciada em Outubro de 2010. Para tal contamos com a ação voluntária de integrantes do Projeto Inarte (Inclusão pela Arte). Participaram em média 20 pessoas, sendo estudantes, servidores do CEUNES e comunidade em geral. A atividade foi realizada todas as terças-feiras no Pólo Universitário. Em 2011 esta Oficina passou a ser realizada no Campus do Bairro Litorâneo com abertura de 02 turmas as terças e quintas-feiras com aproximadamente 50 integrantes.

3. Oficina de dança de Salão. Esta atividade foi iniciada em Outubro de 2010 sendo realizada pela servidora Técnica Administrativa em Educação da Universidade. Participaram em média 25 pessoas, sendo esta atividade oferecida aos servidores do Ceunes. A atividade foi realizada na quadra de esporte do Pólo Universitário. Em 2011 a dança passou a ser realizada no Campus do Bairro Litorâneo, por um docente do Ceunes as terças-feiras com 40 participantes, servidores do Ceunes.

Além destas oficinas foram realizadas apresentações culturais a partir das oficinas, récitas poético-musicais e produção de poesias. Em 2011 continuaremos a realizar as ações acima descritas e esperamos conseguir ampliar nossa atuação desenvolvendo: discussões de livros, incentivo a apresentações musicais e de peças de teatro, exibição de filmes, entre outras ações visando assim contribuir para a formação de um ambiente saudável, de aprendizagem e de descontração que evidencie as diferentes potencialidades dos participantes e que conseqüentemente lhes dêem condições para superarem as dificuldades cotidianas. Para o acompanhamento das atividades, são elaborados relatórios mensais e avaliação dentro de cada espaço de atuação proposto. Acreditamos que essas diferentes formas de participação são vias de acesso à cidadania, à melhoria da qualidade de vida para

que os participantes tenham condições físicas e emocionais para a superação de situações que se apresentam difíceis de serem enfrentadas cotidianamente, tais como o estresse tão freqüente na vida da população acadêmica e de servidores. Este Projeto de Extensão busca então, criar um lócus privilegiado de circulação de ideias e ações, de trocas de saberes e experiências entre os estudantes e servidores do Ceunes, de estabelecimento de um relacionamento mais humanizado, acolhedor, demonstrando o sentido acadêmico e social da extensão universitária praticando a educação enquanto fonte libertadora, vivenciando de fato a participação e criando e recriando esse espaço de aprendizagem. Temos a convicção de que o ensino da Universidade não se faz somente dentro da sala de aula, mas também nestes espaços compartilhados de vivências que são fundamentais para a promoção do diálogo entre saberes que se relacionam diretamente à extensão universitária. Desse modo inspirando-nos na vida e obra de Paulo Freire, que revelam a educação como prática da liberdade, como algo vivido na cotidianidade. Segundo Sen (apud HERKENHOFF, 2004) é preciso que o sujeito amplie suas liberdades substantivas, sendo estas um conjunto capacitário que envolve o que a pessoa faz, as oportunidades existentes para o desenvolvimento de suas habilidades, o acesso e a produção de conhecimento, a participação política nas decisões, o envolvimento em diferentes atividades.

Segundo Ribeiro e Campos (2002) temos necessidades de expressão e comunicação e precisamos vivenciá-las conosco e com os outros. Para isso precisamos nos educar para uma relação interpessoal. Outras referências teóricas adotadas são de autores como: Juan Dias Bordenave que discute a educação em grupos e a participação como forma de pertencimento social e político, e Willian César Castilho (por meio do método psicossocial) que crê que as pessoas de uma determinada comunidade são os principais protagonistas de seus saberes, de sua produção, de suas vicissitudes e da criação de instrumentos capazes de auxiliar o desenvolvimento de sua realidade.

Resultados e Discussões:

Buscamos com a realização das atividades acima descritas, proporcionar um ambiente saudável, de aprendizagem e de descontração que evidenciasse as diferentes potencialidades dos participantes. Acreditamos que este objetivo foi cumprido. Todos que participaram e participam das atividades as avaliaram positivamente. Foi inaugurado no Ceunes, um espaço de diversidade cultural. Os corredores, durante as oficinas já não são os mesmos e os participantes estão tendo a possibilidade de se dedicarem a algo que gostam.

O eco do coral e violão e o movimento da dança despertam curiosidade e vida aos espaços onde são realizados. A comunidade de São Mateus e também de municípios vizinhos estão tendo a oportunidade de conhecerem e interagirem com a Universidade, sendo despertados a se interessar em fazer um curso superior. Alguns participantes relatam ter conhecimento da universidade e seus cursos somente a partir da inserção no projeto; desta forma as ações têm contribuído para dar uma maior visibilidade da universidade na cidade e municípios do entorno. Muitos servidores e estudantes ainda relatam ter nesses espaços a forma de extravasar os problemas cotidianos relacionados ao ambiente de trabalho e acadêmico. Em alguns casos, estes espaços tem sido considerado o único que promove a interação, uma vez que alguns participantes apresentam dificuldades de relacionamentos em outros grupos de sua convivência.

Conclusão

Consideramos que nossos objetivos previstos foram alcançados e sabemos que por ser um projeto relativamente novo e em seu início, os resultados já estão superando nossas expectativas. Temos perspectivas de realização de outras oficinas em 2011 e também de conseguirmos um bolsista da Pró-Reitoria de Extensão da Ufes para nos ajudar a estruturar as ações. Esperamos conseguir espaços mais adequados em 2011 e adquirir materiais próprios do Ceunes como aparelho de som, violão e teclado, equipamentos estes fundamentais no desenvolvimento de atividades artístico-culturais e para serem cedidos aos participantes que não tem condições financeiras de adquiri-los. Atualmente temos sido considerados referência no Ceunes em ações relacionadas a cultura. Compreendemos que muito mais do que oferecer ações culturais estamos promovendo relacionamento humano e atenção à saúde biopsicossocial, além de estarmos plantando sonhos nos planos de muitos participantes que passaram a ampliar o olhar sobre a Universidade e sobre as possibilidades existentes principalmente em ingressar em alguns dos cursos de graduação existente.

Referências

BORDENAVE, Juan E. Dias. O que é participação? São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 12.

CASTILHO, Willian César Castilho. Dinâmicas de Grupos Populares. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1984.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



HERKENHOFF, Maria Beatriz Lima. Entre a proteção, a educação e a emancipação: análise da contribuição das ações complementares à Escola. 2004. Tese (doutorado) – Programa de Estudos Pós- Graduated, Pontifícia Universidades Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

RIBEIRO, Cláudia; CAMPOS, Maria Teresa de A. (org). A adolescência e participação social no cotidiano das escolas: a paz é a gente que faz. Campinas: Mercado de Letras, 2002.



EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS: O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NA SALVAGUARDA DO JORNAL “O ESPÍRITO SANTO”¹.

Área Temática: Cultura

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Alzinete Maria Rocon Biancardi²

Janda Tamara de Sousa³

Luiz Carlos da Silva⁴

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência em projeto de extensão que atua na linha da Gestão informacional. Destaca considerações sobre os métodos e as técnicas de reprodução digital dos 3.199 exemplares do Jornal “O Espírito Santo”, publicados no período de 1931 a 2006. Enfatiza que a digitalização é uma forte aliada da gestão de preservação de acervos jornalísticos já que, reorienta a conservação das coleções originais e gera melhor acessibilidade ao conteúdo de acervos especiais que estão fragilizados pela ação de agentes deteriorantes. Relata a importância da práxis do estudante e do docente em atividades de extensão universitária, principalmente aquelas que agregam valores à formação acadêmica. Constatou-se que a atuação em ações de extensão universitária gera competências e atitudes técnico-científicas para preservar e conservar os materiais armazenados nas unidades de informação.

Palavras-chave: Acervo Histórico. Digitalização. Extensão Universitária.

1 INTRODUÇÃO

A temática preservação e conservação de acervos históricos impressos coaduna-se com as possibilidades da disseminação e da acessibilidade da informação. Logo, o processo de disponibilização pública das fontes de informação históricas e raras deve garantir sua proteção “[...] e conseguir sua acessibilidade universal e permanente” (EDMONDSON, 2002, p. 13). Nesse contexto, o desenvolvimento e a expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) têm permitido aplicar ferramentas com a finalidade de preservar e aumentar o acesso ao patrimônio documental. A digitalização é uma das ferramentas usadas para promover a proteção e o acesso às fontes de informação históricas, pois de acordo com Edmondson (2002, p. 20) “[...] qualquer tipo de cópia de acesso reduz a pressão sobre os documentos originais e contribui, assim, para sua salvaguarda”.

O presente trabalho traz as questões analisadas sobre o processo de digitalização do acervo histórico do Jornal “O Espírito Santo”. Patrimônio documental do Município de Guaçuí (ES), fundado por Jerônimo Coelho Braga em 1931, totalizando 3.199 exemplares

1 Artigo apresentado para aprovação no 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

2 Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: amrocon@uol.com.br

3 Arquivista da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais E-mail: jandatata@yahoo.com.br.

3 Professor do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: luizarquivologia@gmail.com

publicados e fragilizados pela ação do tempo, mas que possibilitam o resgate de acontecimentos da história social e da imprensa escrita no Estado do Espírito Santo, especialmente, do Município de Guaçuí. O Projeto “Tratamento Técnico, Conservação e Restauro do Jornal O Espírito Santo”, vinculado ao Programa de Extensão Informa Ação e Cultura, do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo, está sendo desenvolvido com o objetivo de garantir à população nacional, regional e local o direito de ter acesso às informações contidas em jornais datados da década de trinta do século XX, trazendo à tona novas fontes de pesquisas, de valores históricos imensuráveis.

Em face da utilidade das tecnologias de informação, deparamo-nos com a necessidade de copiar um documento original de suporte frágil, que esteja passível de sofrer danos irreversíveis, em um formato diferente. Desta forma, este relato de experiência, teve como finalidade, principal, descrever as questões associadas à inclusão das tecnologias de informação na área da preservação de acervos arquivísticos impressos de valor histórico.

Tomando por base a experiência da digitalização do acervo do Jornal “O Espírito Santo”, os objetivos específicos definidos para este relato foram: examinar os estudos sobre o uso da digitalização na preservação de acervos históricos em suporte papel; refletir sobre a digitalização como técnica de preservação e acesso ao patrimônio documental e, refletir sobre a importância da extensão universitária na formação acadêmica e profissional na graduação.

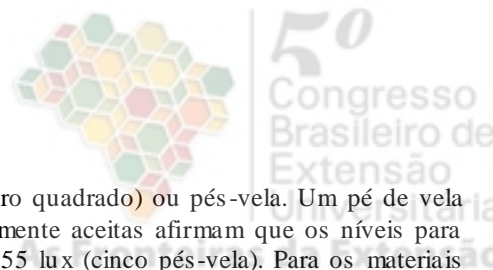
2 MATERIAL E METODOLOGIA

Para a digitalização do acervo do Jornal a equipe adotou os três objetivos propostos pela UNESCO (apud AMARAL, 2004), que são: 1. Possibilitar acesso ao conteúdo informacional que se encontra em suporte de difícil acesso; 2. Disponibilizar novas formas de uso e acesso aos acervos que tem alta demanda de uso, aumentando os grupos de usuários e; 3. Contribuir para a preservação do acervo, reduzindo o manuseio e o acesso físico ao material original, criando uma cópia de segurança do material original.

Para a captura digital de textos registrados em documentos cujo suporte é o papel, a opção adotada foi a “digitalização com câmera fotográfica de imagem fixa sem utilização de *flash*”. Uma alternativa de baixo custo que pudesse melhor associar as qualidades das matrizes digitais sem expor os originais a altos índices de radiação.

Na perspectiva da problemática das relações entre luminosidade e preservação de documentos frágeis, a digitalização fotográfica sem *flash* usou a luz artificial fluorescente de 40 watts de potência, com tonalidade aproximada à da luz natural e com baixa emissão de radiação Ultra-Violeta, em comparação com o lúmen⁵ de outras fontes luminosas fluorescentes.

⁵Os níveis visíveis de luz são medidos em *lux* (lumens por metro quadrado) ou pés-vela. Um pé de vela equivale a aproximadamente onze lux. As recomendações geralmente aceitas afirmam que os níveis para materiais sensíveis à luz, inclusive o papel, não devem exceder 55 lux (cinco pés-vela). Para os materiais menos sensíveis à luz, permite-se um máximo de 165 lux (quinze pés-vela). (OGDEN, 2001).



No ambiente de reprodução dos exemplares originais montou-se sobre uma mesa, com o tamanho padrão da página do jornal (38x46 cm) uma câmara escura que permite fixar uma máquina fotográfica digital na parte superior, com foco pré-ajustado a uma distância de 50 cm entre o obturador e documento original, permitindo o enquadramento da página do jornal e garantido o paralelismo, condição fundamental para a concretização eficiente do processo de digitalização.

É importante destacar que a câmara digital utilizada no processo de digitalização do acervo jornalístico apresenta opções em sua regulação para captura das imagens em extensões de arquivos “*TIF*” e “*JPEG*”. A gravação dos dados da imagem capturada é feita diretamente em CD-ROM de 8 cm de diâmetro (popularmente conhecido como Mini CD-ROM) que possui capacidade de armazenagem para 180 MB, na extensão de arquivo “*JPEG*”, o qual permite a captura da imagem em alta resolução e com maior rapidez na gravação, que a extensão “*TIF*”.

A imagem máster que, segundo a Resolução nº 31, de 28 de abril de 2010, estabelecida pelo Conarq, também é chamada de Matriz Digital com Processamento de Imagem – MDPI. É gerada em um formato maior que o original impresso, com medidas de 60x90cm, permitindo sua redução para diversos tamanhos, sem alterar a resolução da imagem e, obtendo imagens que servirão aos projetos que objetivam o acesso à informação com alta qualidade e grande fidelidade ao acervo original (Amaral, 2004).

Em síntese os Procedimentos metodológicos de digitalização aqui adotados compõem-se de quatro etapas, a saber:

1ª etapa: Montagem da mesa digitalizadora, composta por uma câmara escura e um carro deslizante onde se sobrepõe o material a ser digitalizado.

2ª etapa: Composta das seguintes atividades: 1. A máquina fotográfica é fixada na câmara escura; 2. A mesa, juntamente com a máquina deve ser nivelada; 3. A máquina é ligada na energia elétrica para não haver gasto de bateria; 4. Liga-se o cabo do controle remoto no equipamento fotográfico; 5. Liga-se o equipamento fotográfico; 6. Insere-se o CD-ROM na máquina para não usar a memória; 7. Espera-se finalizar a inicialização do CD-ROM; 8. Liga-se o disparador manual de luz do equipamento; 9. Confere-se novamente a nivelção.

3ª etapa: Realização do processo de digitalização, estruturado nas seguintes fases: 1. Uso de equipamento de proteção individual para manipular o acervo; 2. Faz-se a seleção de um exemplar do jornal, para inserção na câmara digitalizadora, através do carro deslizante; 3. Abre-se o jornal sobre o carro deslizante no enquadramento pré-determinado para seu tamanho; 4. A captação da imagem é feita página por página;

4ª etapa: Retira-se o CD-ROM da máquina fotográfica e o insere ao computador. As imagens serão adicionadas ao arquivo digital para renumeração de páginas. Em seguida as matrizes digitais são trabalhadas em software de tratamento de imagem para, posteriormente serem migradas para o software de GED (Gerenciamento Eletrônico de Documentos).

3 RESULTADOS

O projeto encontra-se em seu quarto ano de atividades, reunindo educadores e estudantes de graduação da área da Biblioteconomia e Arquivologia e em parceria com a APC (Agência de Desenvolvimento Pérola do Caparaó), o que reflete o seu caráter de atividade de extensão. A justificativa da realização do projeto está na necessidade de interação entre Universidade e sociedade civil no que tange ações de preservação do patrimônio documental dos riscos de perdas e danos, visando eliminar restrições em matéria de acesso e o uso de seu conteúdo. Nesse contexto, pensar a preservação de acervos compostos por documentos históricos no sentido mais amplo de salvaguarda é, pensar no emprego das ferramentas da tecnologia digital como recursos que possibilitam a mediação dos conteúdos informacionais, armazenados originalmente em diferentes suportes que, pela natureza da informação, precisa ser preservada.

Essa aprendizagem permitiu compreender que a Extensão Universitária se constitui numa estratégia muito valiosa de aquisição de conhecimento nestes tempos em que, muitas vezes, a estrutura física dos cursos de graduação não oferece condições de unir a teoria com a prática numa relação natural inserida na lógica da formação acadêmica, focada em bases mais sólidas e realistas das nossas futuras ações profissionais no que concerne à preservação da documentação histórica. Neste sentido, a extensão universitária que segundo Fórum... (2001, p. 23) é um “processo educativo, cultural científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e sociedade”, não pode ser relegada à invisibilidade e nem sofrer desqualificação em sua dimensão acadêmica.

4 CONCLUSÕES

Cabe observar que a questão da disponibilização de acervo histórico para a sociedade - um dos objetivos do Projeto de Extensão Tratamento Técnico, Conservação e Restauro do Jornal “O Espírito Santo”, favoreceu a implementação de um procedimento alternativo de digitalização. Conciliando, assim, padrões técnicos indicados pelo Conarq para a qualidade das matrizes digitais com custos acessíveis à realidade financeira das ações de extensão universitária. Essa compreensão permite identificar que a extensão se configura como espaço de aplicação e vivência da relação teoria/prática que remete os estudantes e os educadores a observar e, refletir sob uma perspectiva política e crítica do fazer acadêmico e, ampliar suas capacidades técnico-científicas na democratização do saber acadêmico.

Neste cenário, verifica-se o quão gratificante é poder traçar, via ações de extensão, caminhos alternativos que nos trazem resultados satisfatórios, em face de um dos atuais desafios do ensino superior que, consiste em buscar modalidades de práticas pedagógicas que possibilitem a convergência da teoria com a prática. Identificamos também que, o avançado desenvolvimento de novas tecnologias de informação traz consigo a necessidade do constante aprimoramento por parte dos profissionais da informação. A práxis da digitalização da coleção do Jornal O Espírito Santo permitiu verificar que a extensão universitária possibilita vivenciar questões interdisciplinares as quais somos confrontados no cotidiano da universidade, resultando em uma formação e atualização acadêmica abrangente e enriquecedora, gerando competências para a preservação e conservação dos materiais armazenados nas unidades de informação.

Conclui-se que a digitalização é uma forte aliada da gestão de preservação de acervos jornalísticos já que, reorienta a conservação das coleções originais e gera melhor acessibilidade ao conteúdo de acervos especiais que estão fragilizados pela ação de agentes deteriorantes. Graças à reprodução digital de coleções raras, as sociedades contemporâneas estão tendo acesso e fazendo uso das informações existentes nos acervos das bibliotecas e arquivos, necessárias à participação cidadã na atualidade.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL, C. M. G. Diretrizes para a digitalização no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2004. **Anais...** Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/cleiamarcia_gomesamaral.html>. Acesso em: 01 maio 2005.

EDMONDSON, Ray. **Memória do mundo**: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental. 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org.uy/informatica/mdm.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano nacional de extensão**. 2001. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/arquivos/pne/apresentacao.htm>> Acesso em: 10 abr. 2010.

OGDEN, Sherelyn et. al. Cadernos Técnicos do Projeto de Conservação Preventiva de Bibliotecas e Arquivos - CBPA. **Reformatação**. 2 ed. Rio de Janeiro. p. 44 – 47. Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <http://www.arqsp.org.br/cpba/pdf_cadtec/44_47.pdf> Acesso em: 07 jun. 2010.



GESTÃO E DESENVOLVIMENTO CULTURAL NA COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: R. RIZZI

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Nome dos Autores: R. RIZZI

Resumo

Este é um projeto que ocorreu no segundo semestre de 2010, através da parceria entre Laboratório de Extensão da EACH-USP e a Comunidade Cultural Quilombaque. Teve por objetivos: capacitar lideranças e organizações com base em modelos de gestão e visão sistêmica, integrada e sustentável; e, através dessa capacitação, articular os grupos culturais da região a fim de que, juntos, possam realizar cada vez mais atividades culturais no local. A metodologia utilizada para atingir esses objetivos e promover a formação baseou-se em técnicas de planejamento e gestão de projetos participativas. O projeto se encontra encerrado, tendo como resultados a realização de um Feira de Artes e uma Tenda de Coletivos Culturais dentro do evento Mutirão Cultural na Quebrada, uma cartilha remontando experiências do curso e as metodologias abordadas, e um site com as informações e produtos do decorrer do projeto.

Palavras-chave: Cultura; Planejamento; Gestão

Introdução

Neste artigo será apresentado o projeto de extensão “Gestão e Desenvolvimento Cultural na Comunidade Cultural Quilombaque” que foi desenvolvido no segundo semestre de 2010.

Este projeto foi gerido por seis agentes extensionistas, sendo três deles da Universidade de São Paulo (USP) e os outros três da Comunidade Cultural Quilombaque. A parceria para o desenvolvimento e realização deste projeto se deu através de conversas traçadas no final do ano de 2009, com vistas ao desenvolvimento de projetos para o Edital do Programa de Extensão Universitária do Ministério da Cultura (ProExt-SP 2009/MINC).

Estabelecida a parceria entre USP, mais especificamente o Laboratório de Extensão da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (LABEX – EACH), e a Quilombaque foram delineadas as necessidades da região noroeste da cidade de São Paulo, a Quilombaque

encontra-se no bairro de Perus e mantém relações com a maior parte dos bairros da região noroeste.

Analisadas as necessidades este projeto propôs a construir, com os diversos grupos culturais da região, conhecimentos sobre elaboração e gestão de projetos, assim como sobre o desenvolvimento da cultura, ressaltando a importância de estruturação de uma rede desses coletivos.

A Comunidade Cultural Quilombaque existe a cinco anos, e tem trabalho aumentando o acesso, da população de Perus e dos bairros do em torno, à cultura, entendendo este acesso como um direito dessa população, assim como uma alternativa à violência.

Os dados que demonstram a importância deste projeto foram a falta de equipamentos de cultura nos bairros do em torno da Quilombaque, sendo estes Perus, Pirituba, Freguesia do Ó/Brasilândia, assim como seus altos índices de violência. Nas tabelas abaixo comparamos dados das subprefeituras acima mencionadas, com a subprefeitura de Pinheiros, área nobre da cidade de São Paulo.

Tabela 1 – Características Populacionais e de Ocupação do Solo por Subprefeitura

Subprefeitura	População	População por Km ²	Favelas ¹
Perus	148.226	2.787,21	35,67%
Pirituba	442.722	8.501,40	13,66%
Freguesia do Ó/ Brasilândia	416.743	12.865,58	20,27%
Pinheiros	233.563	7.505,89	0,91%

¹ Percentual de domicílios em favelas sobre o total de domicílios da subprefeitura.

Fonte: População e População por Km² (Prefeitura de São Paulo, 2008). Favelas (Nossa São Paulo, 2009)

Acima se apresenta uma caracterização geral dos bairros trabalhados em relação ao bairro de Pinheiros. Observa-se que a população de Perus, Pirituba e Freguesia do Ó/Brasilândia somadas chegam a mais de um milhão de pessoas. Além disso, no território destes bairros em média 23% é ocupado por favelas.

Abaixo seguem dados de como essa população é atendida por equipamentos de cultura.



Tabela 2: Equipamentos de Cultura por Subprefeitura

Subprefeitura	Bibliotecas Infanto-juvenis per capita	Cinemas¹	Teatros²
Perus	2,79	0	0
Pirituba	0,59	0	0
Freguesia do Ó/ Brasilândia	0,67	0	0
Pinheiros	4,57	13,36	9,47

¹ Salas de cinema na subprefeitura sobre o total de salas de cinema do município.

² Salas de teatro na subprefeitura sobre o total de salas de cinema do município.

Fonte: Nossa São Paulo, 2009.

Nesta tabela se observa a discrepância entre as regiões da cidade de São Paulo, sendo que os índices de cinemas e teatros nos bairros periféricos da região noroeste de São Paulo são iguais a zero. Desta maneira há um grande desfalque no acesso à cultura dessas populações.

A partir dessa desigualdade se estruturou este projeto de extensão buscando fornecer sustentabilidade para os grupos culturais periféricos, que desenvolvem as mais diversas ações culturais, promovendo o acesso, mas que muitas vezes não se sustentam por conta de dificuldades financeiras e de gestão.

Por fim, ao se levar metodologias de planejamento e gestão aprendidas e estudadas no decorrer do curso e cruzar com os conhecimentos da prática destes grupos, buscou-se atingir os seguintes objetivos:

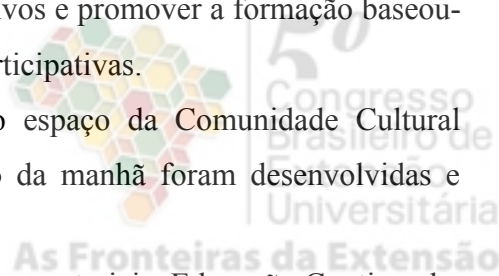
1. Capacitar lideranças e organizações com base em modelos de gestão e visão sistêmica, integrada e sustentável;
2. Articular os grupos culturais da região a fim de que, juntos, possam realizar cada vez mais atividades culturais no local.

Material e Metodologia

A metodologia utilizada para atingir esses objetivos e promover a formação baseou-se em técnicas de planejamento e gestão de projetos participativas.

O desenvolvimento das atividades se deu no espaço da Comunidade Cultural Quilombaque, onde durante sete sábados, no período da manhã foram desenvolvidas e praticadas metodologias de planejamento e gestão.

Essas metodologias foram baseadas nos seguintes materiais: Educação Continuada:



Gestão de programas e projetos governamentais, da Fundap, O Quadro Lógico: Um método para planejar e gerenciar mudanças, de Peter Pfeiffer e Elaboração de Projetos e Propostas para Organizações da Sociedade Civil, de Rosana Kisil, organizados pelos Profs. Ursula Peres e Hiro Sano para a disciplina de Elaboração de Projetos no Setor Público, do curso de Gestão de Políticas Públicas/USP.

Com essa base teórica se desenvolveu coletivamente um diagnóstico da realidade, utilizando árvore de problemas. A partir dessa análise se trabalhou a elaboração de projetos, olhando para os objetivos através da árvore de soluções e consolidando sua organização em um marco lógico.

Essas etapas foram baseadas no planejamento de um Feira de Artes e de uma Tenda dos Coletivos dentro do evento Mutirão Cultural na Quebrada. A última etapa deste projeto foi a participação dos envolvidos no curso no Mutirão Cultural na Quebrada, colocando em prática o planejamento desenvolvido.

Resultados e Discussões

O projeto se encontra encerrado, tendo como resultados a realização de um Feira de Artes e uma Tenda de Coletivos culturais dentro do evento Mutirão Cultural na Quebrada, realizado em Novembro de 2010 em Carapicuíba, uma cartilha remontando experiências do curso e as metodologias abordadas, e um site¹ com as informações e produtos do decorrer do projeto.

No decorrer deste projeto se obteve diversos dados a partir da aplicação das metodologias, tanto na montagem da árvore de problemas como a de soluções, onde se possibilitou o encontro de olhares sobre a realidade de região noroeste da cidade. Na execução do marco lógico se notou uma dificuldade em planejar.

No geral observou-se um bom envolvimento da comunidade, no caso, os coletivos culturais, o que propiciou o desenvolvimento dos conhecimentos de planejamento e gestão e a articulação destes coletivos culturais.



¹ <http://www.gestaoculturalquilombaue.blogspot.com/>

Conclusão

Os objetivos deste projeto foram alcançados, observou-se um ganho acadêmico na compreensão de diferentes realidades e diferentes saberes, articulando o saber prático e o saber teórico. Além disso, ressalta-se a necessidade de maior implementação de projetos de extensão universitária focados em contribuir na estruturação de grupos de baixa renda que desenvolvem ações no âmbito social.

Referências

- FUNDAP. *Educação continuada: Gestão de programas e projetos governamentais*. Em Planejamento e Gerenciamento de Projetos. São Paulo: Fundap, 2006.
- KISIL, Rosana. *Elaboração de Projetos e Propostas para Organizações da Sociedade Civil*. São Paulo: Editora Global, 2001.
- Nossa São Paulo. *Indicadores Básicos da Cidade de São Paulo*. 2009. Disponível em: www.nossasaopaulo.org.br/portal/files/CadernoIndicadores2009.pdf
- PFEIFFER, Peter. *O Quadro Lógico: Um método para planejar e gerenciar mudanças*. Em: Planejamento e orçamento governamental: coletânea / Organizadores: GIACOMONI, James e PAGNUSSAT, José Luis. Brasília: ENAP, 2006. v.2.
- Prefeitura de São Paulo. *Dados Demográficos do Distritos pertencentes as Subprefeituras*. 2008. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758

HABITAÇÃO, MEMÓRIA E VIVÊNCIA EM SÃO BENEDITO, VITÓRIA – ES

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Samira de Sousa Proêza

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Autores: Bruno Bowen Vilas Novas;¹

Clara Luiza Miranda;²

Lilian Dazzi Braga;¹

Samira S. Proêza;¹

Stephanie Ribeiro Azevedo;¹

Célula - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo.³

Resumo

O projeto busca uma aproximação da academia com a realidade das comunidades populares que independente da atuação de profissionais da construção civil e do poder público, constroem suas casas e consolidam uma comunidade. A possibilidade de trabalhar com o bairro São Benedito em Vitória – ES, foi viabilizada pela articulação entre o Célula EMAU - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e a Associação Ateliê de Idéias. Foram realizadas entrevistas e coletados materiais importantes para registro e difusão da história do bairro e seus moradores. Essa interação com a comunidade promove para os participantes o entendimento crítico sobre a autoconstrução, as evoluções arquitetônicas em áreas de ocupação informal e a dinâmica do morador com a casa e o bairro.

Palavras chave: Ocupação urbana, Habitação, Memória

Introdução

O projeto “Habitação, Memória e Vivência em São Benedito”, surgiu no final de 2008, quando o Célula EMAU, Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, teve contato com o trabalho da Associação Ateliê de Idéias de desenvolvimento social e econômico na Poligonal 1, divisão administrativa da Prefeitura Municipal de Vitória, composta de 8 comunidades.

¹ Estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

² Professora Coordenadora do Célula EMAU - UFES

³ Projeto de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES



O Ateliê de Idéias, criado em 2003, é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), voltado para promoção de desenvolvimento local que busca fomentar empreendimentos produtivos e mecanismos sociais de participação democrática;⁴ No bairro de São Benedito encontramos uma comunidade, com 3431 habitantes, extremamente organizada, que possuíam um desejo de registrar a história de ocupação e evolução do bairro, ocupação informal iniciada nas décadas de 60 e 70. Era uma oportunidade de conhecer os modos de habitar, os processos construtivos e técnicos e o desenvolvimento urbano de São Benedito. Essa seria uma primeira aproximação, fase importante de conhecimento, para futuras atuações e projetos inseridos na realidade da região, também para o desenvolvimento da assistência técnica no bairro.

Surge assim um projeto, com enfoque na habitação, de registro da memória dos moradores, uma vivência do Célula com a comunidade. Numa esfera maior o EMAU reconhece essa ação importante para a sociedade como um todo, por prover conhecimento da produção da cidade à população civil e acadêmica, por reduzir o preconceito e os tabus sobre parcela da população que vive em situação de ilegalidade urbana e principalmente por lançar aos profissionais especializados informações para intervirem na “cidade informal” de modo consciencioso.

Materiais e métodos

O projeto é baseado na coleta de relatos dos moradores. Foram selecionadas 24 famílias de moradores mais antigos, com 20 a 30 anos de moradia, que participaram do processo de ocupação e construção da comunidade, de forma que 19 famílias foram efetivamente entrevistadas e disponibilizaram dados para o trabalho.

Nas entrevistas foram abordados: 1_Dados do morador. 2_ Informação sobre ocupação do Morro São Benedito. 3_ Informação sobre a construção da casa. Que material usaram, como chegaram ao lugar. 4_ Informação sobre o crescimento da comunidade e as mudanças que acham relevantes. 5_ Visão do futuro da comunidade e da participação nele.

Antes da realização da entrevista foi entregue a cada família uma ficha com um campo em branco para ser feito um desenho da casa, com o objetivo de além do relato, resgatar o imaginário do morador através do desenho.

Havia também as perguntas: “*O que é a sua casa para você?*”; “*O que você mudaria na sua casa?*”; “*Como você imagina a sua casa daqui a um ano?*” Nesses

desenhos muitas vezes estavam expressos, além do que a casa representava para o morador, anseios de melhorias.

57

SAO BENEDITO

sobrenome: Anibal João de Almeida

obs:

O que é a sua casa para você?

É tudo para mim.

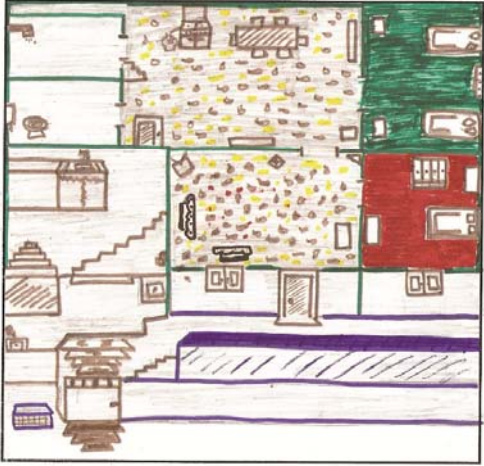
O que você mudaria na sua casa?

Mudaria o piso, trocaria a fiação, construiria um banheiro no quarto e reformaria o que está pronto.

Como você imagina a sua casa daqui a 1 ano?

Pintada por fora de azul celeste e de verde por dentro.

Aqui embaixo ... espaço para desenhar sua casa



HABITAÇÃO, MEMÓRIA E VIVÊNCIA ... Anibal João de Almeida

Fig. 2. Ficha do morador Anibal João de Almeida. Fonte: Arquivo Célula EMAU

Para a elaboração das fichas foi importante a referência de outros trabalhos realizados, como o projeto do parque Comuna 13 *Integral Urban Project* (IUP) de Gustavo Adolfo Restrepo, para a área central de Medellín na Colômbia. Este projeto, também, buscou resgatar o imaginário e a compreensão de uma comunidade, através de desenhos e fichas. Assim, a finalidade da pesquisa do EMAU se guia pela importância dos espaços individuais a fim de entender o sentido coletivo deles. Segundo Angelo Serpa em *Cidade Popular*:

“Busca-se a construção de uma representação coletiva para cada bairro, a partir das representações individuais dos moradores (identificando-se os pontos comuns entre as diferentes representações individuais). Segue-se a ordem/sucessão “meu” (representação individual), “nosso” (representação coletiva de nível intermediário, específica para cada grupo – formal ou informal) e “o” bairro (representação coletiva de nível superior)” (SERPA, 2007, p. 14).

Em conjunto com a ficha, foi entregue às famílias uma máquina fotográfica descartável para que fosse realizado pelos moradores um registro fotográfico, capturando o olhar dos moradores em relação ao seu bairro e a sua casa.

Foram solicitadas sete fotos para cada família, sendo duas fotos do interior da casa, duas externas, duas do bairro e uma da família. O resultado reúne muitas fotos de espaços públicos, como a praça do bairro, escadarias e becos. E dentro da casa: fotos de cozinha, ressaltando o valor desse espaço na casa e de paredes com fotos de familiares e objetos pessoais. Esses enquadramentos enfatizam a história da família. De acordo com Lucrecia Ferrara:

“A fotografia mostra-se como recurso altamente estratégico, porque, ao passo que permite a identificação do próprio ambiente que serve de base ao processo perceptivo, tenciona esse processo ideologicamente, explicitando a informação por ele produzida. Dificilmente, com a utilização da linguagem verbal, seria possível atingir essa informação sem que ela sofresse o filtro lógico inerente ao veículo.” (FERRARA, 1993, p. 266).

As entrevistas foram transcritas e os trechos mais significativos foram selecionados. Dessa forma, no catálogo, ressaltamos a constituição da história mediante, não somente a narrativa lógica, mas com base na memória e no imaginário. A confecção de desenhos e a distribuição de câmeras fotográficas descartáveis possibilitaram ricas imagens e dados sobre a comunidade.

Como produto do projeto foi idealizado um catálogo, a ser publicado, com os registros coletados e impressões obtidas. No catálogo, o objetivo principal é o resgate da memória do morador, através do seu olhar em relação à casa, os vizinhos e o bairro.

Resultados e Discussões

As entrevistas foram importantes para entender o processo de consolidação do bairro e a participação dos moradores neste:

“As pessoas antigas, que moravam, não tinham condições de melhorar o morro. Porque ninguém tinha nada! Aí as pessoas que foram saindo e foram vendendo pra outras pessoas, que tinham mais condição, é que foi melhorando o morro. Que aí já foi fazendo colégio, construíram a igreja aqui, asfaltaram rua.”⁵

As dificuldades encontradas no processo de ocupação foram relatadas muitas vezes, como na conversa com Dona Nelcir:

⁵ Entrevista de Laura Pereira, em Janeiro de 2009

*“A gente era feliz da maneira que a gente vivia, mas era uma maneira desumana, era junto com os bichinhos: pulga, carrapato, era um monte de coisa. Na hora de dormir, sete horas da noite, não tinha lugar. Se você chegasse às oito horas ia ter que passar assim.”*⁶

Dentro do contexto do desenvolvimento econômico da cidade de Vitória, também foi possível entender as novas condições socioeconômicas em que se enquadravam os imigrantes e como trabalhavam a conquista do território, as relações de apropriação e de troca. A rotatividade ou fixação de moradores. As relações estabelecidas com a terra, antes num contexto rural e após a mudança num contexto metropolitano e industrial também marcam algumas dificuldades em adequação à vida urbana.

*“As pessoas de fora vem muito para cá (...). Todo dia chega gente da Bahia para cá, porque lá não tem estrutura para segurar as pessoas lá (...). Então a solução é descer para cá”.*⁷

Conclusão

Compreender e respeitar o território e o público para quem se projeta é fundamental. Pois não se trata mais de escolher o melhor sítio para implantar uma cidade como propôs o arquiteto Alberti no Século XV, mas como se deve intervir nos sítios submetidos a constantes mutações, co modernos ou pós-modernos, de seus impulsos m perda ou crise de identidade e com problemas na capacidade de uso. A idéia reguladora do projeto estará na disposição aberta a variações e, portanto à diversidade. Propõe-se que o arquiteto desapegue-se dos programas ideológicos colonialistas e de seu confinamento no escritório, apresentando-se disposto a interpretar a complexidade cultural contemporânea como fenômeno sem precedentes (COSTA, 1998).

Referências

- COSTA, Xavier. **El arquitecto como etnógrafo**. In. GAUSA, Manuel,
FERRARA, Lucrecia Daléssio. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 263 a 273.
SERPA, Angelo. **Cidade Popular: trama de relações sócio-espaciais**. Salvador: EDUFBA, 2007.

⁶ Entrevista de Nelcir Rodrigues Dantas, em Janeiro de 2009

⁷ Entrevista de Roque de Sousa, em Janeiro de 2009



Histórias que revertem Histórias.

Mediadores de cultura na redução de vulnerabilidades e violências.

Autora: Tereza Elizete Gonçalves

O presente trabalho retrata a trajetória extensionista de acadêmicos integrantes do **“Projeto Travessia: Das Oficinas de Contos e Narrativas de Histórias à Cultura e Cidadania”**, desenvolvido desde 2008 com apoio da UNITAU, em articulação com uma instituição pública local. Esta entidade é referência no trabalho com vulnerabilidades psicossociais infanto-juvenis; associados à equipe multiprofissional da instituição buscamos implementar ações de prevenção secundária junto aos adolescentes inscritos e seus familiares. Como eixo norteador, nossa proposta insere-se na direção da defesa e construção de políticas públicas protetivas a crianças e adolescentes, tratados como sujeitos de direitos. Oportunizamos o contato desse público jovem com meios culturais diversos, de modo a instigá-los na direção de um pensamento crítico, que lhes possibilite ordenar seus comportamentos de forma autônoma e consciente, transpor a realidade da alienação e da violência em suas múltiplas manifestações, para uma atitude pró-social e cidadã. As Oficinas do Projeto Travessia são promovidas semanalmente no âmbito institucional e comunitário com a mesma metodologia, e consistem em instâncias grupais de escuta, narrativa e de produção textual, plástica ou cênica. Ao provocarmos um contexto acolhedor, empático e reflexivo, visamos dirimir os efeitos da exclusão cultural e retirar os jovens do circuito de repetição dos maus-tratos e da marginalização. Desenvolvemos trabalhos multiculturais em grupos com adolescentes de ambos os sexos, contando entre 12 e 17 anos, alguns em cumprimento de medidas sócio-educativas, que nos são encaminhados pelos educadores sociais dos diversos projetos da entidade. No que se refere à população acompanhada a autora aponta os conflitos conjugais e a consequente degradação dos vínculos familiares, os

Professora Doutora em Psicologia Clínica na UNITAU (Universidade de Taubaté),
Supervisora Clínica e Coordenadora do Projeto de Extensão Travessia: Das Oficinas de
Leitura à Cultura e à Cidadania.

maus-tratos e negligência intrafamiliares, além da evasão escolar, como os graves fatores que impulsionam os jovens na direção da desvinculação social e educacional, com efeitos negativos na sua subjetividade.

Constatamos que a noção de mundo desses garotos passa pela intransigência e pela violência em suas diversas formas de expressão; seu horizonte existencial encontra-se significativamente mergulhado na violência e repetição dos maus tratos. Percebemos que muitos deles evidenciam dificuldades em legitimar outras formas de relação mais tolerantes e fraternas.

A hipótese que norteia nossa reflexão é a de que o desinteresse pela leitura e a exclusão cultural configuram-se em um dos fatores de vulnerabilidade e de desestímulo no enfrentamento da violência, ócio e marginalização, que vitimizam os adolescentes e os familiares.

Os encontros comportam, além do contato com obras literárias completas ou em textos adaptados, sessões de projeções de filmes, audição de livros-áudio, debates, jogos cênicos, comunicação em murais, produção plástica ou gráfica; viabilizamos ainda visitas a editoras, sebos, livrarias, cines, feiras culturais, e entrevistas com autores regionais, contadores de histórias e livreiros. As obras indicadas não seguem necessariamente uma linha prévia de encadeamento de temas, sendo que a questão do *direito à proteção*, assim como *subjetividade*, *valores relacionais e cidadania*, *demandas culturais*, servem como pano de fundo das discussões e procedimentos.

Nossa proposta se pauta pelo incentivo ao *Protagonismo Infanto-Juvenil*, em termos da participação implicada dos jovens no combate aos preconceitos, segregação, servidão, desigualdades e injustiças sociais. São os próprios adolescentes e seus familiares, os principais atores na transformação da realidade social adversa que os cerca, valorizados na capacidade de reflexão e na tomada responsável de decisões para solução dos seus problemas. Testemunhamos a necessidade destes participantes se expressarem de maneira significativa na forma de narrativas pessoais, muitas delas frutos de intensas identificações e projeções, despertas em um contexto de confiabilidade dos encontros. Temos produções de jovens autores, relatos

Professora Doutora em Psicologia Clínica na UNITAU (Universidade de Taubaté),
Supervisora Clínica e Coordenadora do Projeto de Extensão Travessia: Das Oficinas de
Leitura à Cultura e à Cidadania.

de mães cuja experiência de leitura abriu-lhes veredas em momentos tormentosos. Essas histórias são recontadas de um modo possível e transformador, a partir da ação dos mediadores multiculturais do Travessia, os quais, baseados no acolhimento e na comunicação favorecedora, estimulam a introspecção, a auto-percepção e reposicionamento frente à realidade que os determina.

Assim gradativamente estes cidadãos constroem a noção de que ler é encontrar-se com um Outro, é sobretudo encontrar-Se.

Essas experiências favorecem a constituição positiva dos envolvidos, os quais encontram formas renovadas e singulares de participarem do mundo, atuando agora a partir de uma perspectiva cidadã e emancipatória. Transmutam-se gradativamente de vítimas que repetem a sina de uma existência traumática, em sujeitos da própria história.



Professora Doutora em Psicologia Clínica na UNITAU (Universidade de Taubaté),
Supervisora Clínica e Coordenadora do Projeto de Extensão Travessia: Das Oficinas de
Leitura à Cultura e à Cidadania.

IMPLANTAÇÃO DO ESPAÇO DE LEITURA NO AMBIENTE HOSPITALAR

Área temática: Cultura. Responsável pelo trabalho: Meri Nadia Marques Gerlin.

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Meri Nadia Marques Gerlin¹; Alzinete Maria Rocon Biancard²; Cleydmara Santos³.

RESUMO

Discute a implantação de um espaço de leitura no Ambulatório Pediátrico do Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes (HUCAM) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Com isso, expõe metodologia de criação desse espaço com a finalidade de atender aos usuários. Constata-se que com a implantação iniciou-se o atendimento das demandas de informação e formação da comunidade interna e externa à Universidade, relacionadas a esse espaço em específico.

Palavras-Chave: Leitura e Biblioteconomia. Atividade Cultural. Ambiente Hospitalar.

1 INTRODUÇÃO

Entre práticas de cultura, educação e informação que podem ser assumidas pelo bibliotecário no ambiente hospitalar, destaca-se a biblioterapia que significa terapia por meio de livros, com o sentido de velar pelo próprio ser, o que não pode ser confundido, portanto, com prática médica. Segundo Ouaknin (1996) a palavra terapia, tanto no grego como no hebraico, aproxima-a de uma atitude preventiva, portanto, nesse contexto terapeuta significa aquele que cuida do corpo e do espírito por meio de indicação de livros ou de outros recursos. Partindo desse pressuposto, a leitura é apresentada como possibilidade de promover diálogos entre os sujeitos em encontros com um novo olhar sobre as histórias narradas/ouvidas, por exemplo, ao utilizar com isso diversas leituras que permitam “ao homem ir mais fundo de si mesmo e se inventar”. (OUAKNIN, 1996, p. 197).

¹ Professora Mestre do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Programa de Extensão Informa-Ação e Cultura. merinadiam@yahoo.com.br.

² Professora Mestre do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Programa de Extensão Informa-Ação e Cultura. amrocon@uol.com.br.

³ Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex bolsista do Projeto Extensão Informa-Ação e Cultura. cleydmara.santos@gmail.com



A prática pode ser desenvolvida junto a crianças hospitalizadas, com a finalidade de auxiliar no processo de tratamento, por meio da utilização de recursos lúdicos como música, dramatização e “contação” de histórias (CALDIN, 2002). O trabalho com leitura no hospital pode ser citado como útil para a promoção de leitura com pacientes internos em instituições hospitalares públicas. Nele destacam-se “[...] as histórias que são contadas com seu início, meio e fim facilitam não só a reorganização do sujeito, bem como sua identificação, através da qual o paciente acaba por projetar sua própria história na narrativa ouvida” (GURGEL, 2004, p. 203).

Ao estabelecer uma relação entre a atuação de profissionais da área de saúde e profissionais da informação para atuarem nesses espaços, aparece a análise de um trabalho de implantação desenvolvido com a finalidade de atendimento da demanda da comunidade interna e externa à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), dando visibilidade assim a necessidade de criação do Projeto de Extensão Leitura no Ambiente Hospitalar, pertencente ao Programa de Extensão Informa-Ação e Cultura do Departamento de Biblioteconomia (DBIB) do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE).

Questiona-se, então, que estratégias podem ser criadas para a implantação de um espaço de leitura em um hospital? Esse questionamento relaciona-se com imagens de um lugar de trabalho que possa ser ocupado pelo bibliotecário e que possa ser palco de uma atuação interdisciplinar. Por conseguinte, a pesquisa tem como objetivo discutir a implantação de um espaço de leitura no Ambulatório Pediátrico do Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes (HUCAM) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

2 METODOLOGIA

O Projeto de extensão “Leitura no ambiente hospitalar” foi criado para atender aos pacientes e acompanhantes que se utilizam dos serviços prestados pelo Ambulatório Pediátrico e Enfermaria Pediátrica do HUCAM, sendo aprovado em setembro de 2010⁴, entretanto, suas atividades foram iniciadas em janeiro de 2010 em parceria com os seguintes projetos de extensão da UFES: “ESCADA – Educação e Saúde de Crianças e Adolescentes” do Ambulatório Pediátrico do Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes/UFES, “Grupo Experimental de Contadores de História da UFES” e “Idéias e Práticas em Informação, Educação e Cultura”.

⁴ Projeto aprovado foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão da UFES com N. SIEX BRASIL 66192.

Suas atividades desde então envolvem docentes, discentes bolsistas e técnicos administrativos da UFES e outros possíveis voluntários da comunidade externa à Universidade, no planejamento e desenvolvimento de atividades relacionadas ao incentivo à leitura no ambiente hospitalar. Para sua implantação foram realizadas reuniões, avaliação diagnóstica do local e público alvo, encontros de formação, grupos de estudos, planejamento e atualmente encontra-se no processo de dinamização das ações de leitura no Ambulatório Pediátrico do HUCAM. As atividades foram desenvolvidas semanalmente no período vespertino como um projeto piloto sujeito a avaliação dos participantes.

Destaca-se a realização de um diagnóstico preliminar no Ambulatório Pediátrico, fazendo uso de três fontes de informação, seguiu reuniões com a coordenação do Projeto Escada a fim de perceber as necessidades dos pacientes do ambulatório de pediatria do HUCAM; a segunda fonte foi a observação das características da situação física e estrutural do ambiente hospitalar no qual são desenvolvidas as atividades de dinamização da leitura pelos projetos “Idéias e Práticas em educação, informação e cultura” e “Grupo Experimental de Contadores de História”; e, finalmente, a terceira fonte se constituiu em um levantamento realizado pela equipe, junto ao público-alvo, buscando traçar o seu perfil social e de interesse de leitura.

RELATÓRIO DO LEVANTAMENTO DE DADOS DO PERFIL SOCIAL DOS PACIENTES DO AMBULATÓRIO PEDIÁTRICO: Por meio de um diagnóstico preliminar⁵ foram levantadas informações referentes ao número de atendimento, idade e gênero dos pacientes do ambulatório pediátrico em 2009:

Identificação dos atendimentos: 63 em fevereiro; 146 em março; 134 em abril; 138 em maio; 133 em junho; 173 em julho; 161 em agosto; 126 em setembro; 98 em outubro; 103 em novembro e 88 em dezembro. **Identificação da idade:** 0-5 anos (60%); 5-10 anos (21%); 10-15 (14%) e 15-20 anos (5%). **Identificação do gênero:** 55 % feminino; 44% masculino e 1% sem identificação.

Verificou-se com a avaliação diagnóstica que a composição do acervo do projeto piloto atende a um público flutuante e em sua maioria crianças e do gênero feminino. Devido a esse fato, a equipe procurou estabelecer contato com instituições públicas e

⁵ Pesquisa diagnóstica realizada pela aluna do Curso de Biblioteconomia Cleydmara Santos, na época da implantação bolsista do Projeto de Extensão “Informa-Ação e Cultura”, projeto que atualmente responde por “Idéias e Práticas em informação, educação e cultura” devido renomeação. O antigo nome foi selecionado como título do Programa de Extensão do Departamento de Biblioteconomia.

privadas com a finalidade de conseguir doações de livros e outros materiais para a composição do espaço de leitura no Ambulatório Pediátrico do HUCAM, pensando principalmente nesse tipo de público, porém sem desconsiderar a totalidade.

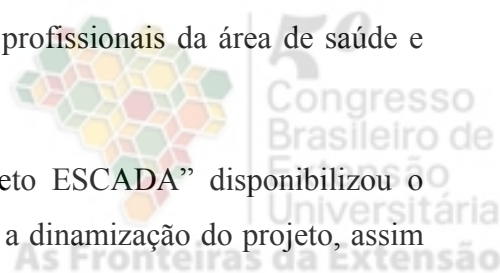
BUSCA DE RECURSOS NECESSÁRIOS PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO: Para trabalhar com a leitura no ambiente hospitalar a equipe do programa realizou uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de iniciar o planejamento e implantação das atividades. Assim como, a equipe estruturou um conjunto de atividades envolvendo filmes, palestras e oficinas, por meio do evento “Atividades de formação na área de leitura e narrativa oral: em busca de práticas diferenciadas”. Dentre as atividades planejadas destacam-se os seguintes temas/atividades: humanização do ambiente hospitalar; leitura e cidadania; narrativa oral; leitura de histórias; dramatização e musicalização.

O acervo foi constituído por obras disponibilizadas pelo GECHUFES e por doações recebidas em campanhas promovidas pelos alunos do Curso de Biblioteconomia, membros da sociedade externa à Universidade e instituições privadas e públicas do Município de Vitória. Por meio da doação foi possível reunir obras infanto-juvenis, romance, poesia, contos, revistas em quadrinho, periódicos e outros materiais. As obras infantis são predominantes, pois o público predominante é formado por crianças.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o desenvolvimento do perfil social dos pacientes do ambulatório de pediatria do HUCAM, identificou-se que a maioria dos usuários do espaço é constituído por crianças, entretanto, a equipe do projeto não pôde desconsiderar o registro do atendimento a adolescentes, jovens e acompanhantes dos pacientes, tornando-se todos usuários potenciais para a equipe do projeto. Desse modo, é possível colocar que as atividades também são direcionadas para acompanhantes, dentre eles os familiares como pais, irmãos e outros parentescos, assim como, profissionais da área de saúde e demais interessados pelo projeto.

Durante as reuniões, a coordenação do “Projeto ESCADA” disponibilizou o auditório do Ambulatório Pediátrico do HUCAM para a dinamização do projeto, assim como estabeleceu dia e horário para o seu desenvolvimento. As atividades foram



iniciadas no segundo semestre de 2010, sendo que as atividades de dinamização como, por exemplo, as da área da narrativa oral estão sendo planejadas coletivamente com a equipe do Projeto de Extensão GECHUFES.

É importante colocar, que os momentos de avaliação são estabelecidos no coletivo, ao levar em consideração a opinião dos sujeitos envolvidos nas atividades de formação, de planejamento e de execução das atividades do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES

Com a implantação do Projeto de Extensão “Leitura no ambiente hospitalar”, trabalha-se com uma demanda de informação da comunidade no ambiente fora das paredes da biblioteca. Com isso, procura dinamizar a leitura num espaço que estará aberto tanto para os usuários do hospital quanto para o estudante de biblioteconomia e/ou de áreas afins, ao possibilitar a formação de um profissional apto ao desenvolvimento de trabalhos com leitura no hospitalar.

As atividades proporcionam interação social com membros da comunidade interna e externa à Universidade, além de construir um campo de trabalho transdisciplinar ao possibilitar trocas de experiências com diversas áreas, dentre elas a saúde, informação, educação e cultura. Destaca-se o estabelecimento de diálogos entre diversos sujeitos e profissionais de áreas e comunidades na medida em que pretende desenvolver um trabalho fundamentado no tripé ensino, pesquisa e extensão por meio do planejamento, implantação do espaço, organização de atividades de dinamização do acervo e das atividades que continuarão fortalecidas em 2011 com ambulatório pediátrico e ambulatório demais interessados na dinamização de diversas leituras...

REFERÊNCIAS

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência Encontros Bibli. vol. 7, n. 14: 2002.

Disponível em: < <http://www.journal.ufsc.br/index.php/eb/article/viewArticle/258> >. Acesso em: 20 jun. 2010.

GURGEL, Maria Cristina Lírio. Leitura LerUERJ: pesquisa, ensino e extensão. In: CECCANTINI, João Luiz C. T. **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica/ANEP, 2004.

OUAKNIN, Marc-Alain . **Biblioterapia**. Trad. Nicolas Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, P. H. G. **Projeto amigos da leitura: um programa de intervenção no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Marília**. 3º Congresso de Extensão Universitária (Cultura), [s.d].

Disponível em: < http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/viewArticle/247 >. Acesso: 05 mar. 2011.

NUTRINDO MENTES ATRAVÉS DE CONTAÇÕES DE HISTÓRIA

Área temática: Cultura

Responsável: Hortência de Carvalho Feitosa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Hortência de Carvalho Feitosa¹; Jéssica Rafaela Boaventura Cortés²;

Quézia Neves da Silva³.

- 1) Graduanda do 5^o período do curso de Ciências Biológicas pela UFRN - Aluna Voluntária do Projeto Arte e Cultura Numa Perspectiva Sustentável no município de Jardim de Angicos;
- 2) Graduanda do 5^o período do curso de Turismo pela UFRN - Aluna Voluntária do Projeto Arte e Cultura Numa Perspectiva Sustentável no município de Jardim de Angicos;
- 3) Graduanda do 7^o período do curso de Pedagogia pela UFRN - Aluna Voluntária do Projeto Arte e Cultura Numa Perspectiva Sustentável no município de Jardim de Angicos.

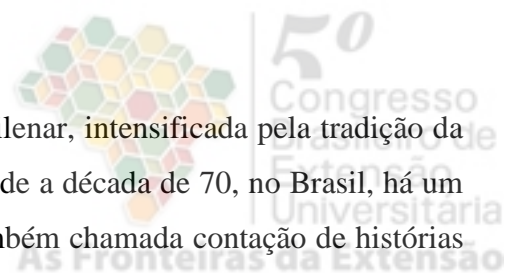
Resumo

A contação de histórias é uma atividade que vem sendo desenvolvida desde muitos anos, a qual foi sendo passada por gerações através da tradição da oralidade. Atualmente é considerada uma estratégia adequada e bastante eficaz para iniciar as crianças no gosto pela leitura, sendo uma atividade generalizada nos espaços educativos. Além disso, as histórias contribuem para o desenvolvimento intelectual e da comunicação, estimulam a imaginação, para formação de valores e conceitos éticos. Sabendo-se da importância dessa atividade, criou-se o grupo de contação de histórias, atuante no município de Jardim de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte. Por meio das contações, o grupo pretende gerar nas crianças um conhecimento sobre a arte e cultura, e como isso pode influenciar no desenvolvimento de cada uma. Apesar de o trabalho ainda não ter sido concluído já é notório que o contato com as histórias, com os livros e com o imaginário despertam o maior interesse pela alfabetização e pela leitura.

Palavras chave: Contação de histórias. Infância.

Introdução

Há relatos de que o ato de contar histórias é milenar, intensificada pela tradição da oralidade das populações tradicionais. Atualmente, desde a década de 70, no Brasil, há um cenário de discurso renovador da leitura na escola, também chamada contação de histórias (Silveira, 1999). Nesse novo panorama de abordagem da leitura, a contação de histórias no



ambiente escolar estrito ou em outros assemelhados – bibliotecas, espaços de recreação, livrarias, etc. – adquiriu forte relevância, especialmente na Educação Infantil – desde o berçário – e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Kirchof, 2009). A infância é a fase na qual o homem entra em contato com o mundo da ficção. Assim, a contação de histórias na infância agirá na formação da criança em várias áreas. Contribui com o desenvolvimento intelectual, já que desperta o interesse pela leitura, estimula a imaginação e ainda possibilita o desenvolvimento da comunicação. Com as histórias ouvidas, as crianças recriam, recontam, aprendem a interagir com outras crianças e adultos e formam um gosto por arte e literatura. Abramovich (1997) resume:

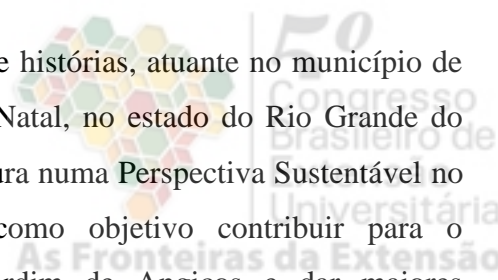
Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Histórias também têm a função de desenvolver a construção de conhecimento social, da realidade junto a formação de valores e conceitos, já que os textos conseguem revelar a realidade social e até desmascarar suas mentiras. Através das contações a criança recebe influência até em seu desenvolvimento físico-motor, devido a manipulação do corpo e da voz que faz uso ao ouvir e recontar as histórias.

A literatura infantil, indubitavelmente, exerce a função de mediadora da vida do leitor, para que ele alcance sua identidade. O indivíduo busca no “conto de fadas” um significado para a sua existência e aplica essa significação no mundo real. Eis aí então um paralelo entre mundos (imagético x real), que possibilita a fuga do pragmatismo social pelo encantamento, pela magia, visando o ideal de felicidade (a maior busca do homem) (Silva, 2009).

Portanto, para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade ele precisa recriar a realidade e imaginá-la por meio da leitura do conto de fadas (Abramovich, 1989), pois a vida só é possível reinventada (Meireles, 2000) e porque todos nós precisamos de um mundo mágico de sonhos e fantasias para viver.

Sabendo disso, criou-se o grupo de contação de histórias, atuante no município de Jardim de Angicos, localizado a cerca de 98 km de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Esse grupo está inserido no Projeto Arte e Cultura numa Perspectiva Sustentável no município de Jardim de Angicos, o qual tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento local e cultural da cidade de Jardim de Angicos e dar maiores



oportunidades a comunidade; ampliar o intercâmbio cultural das diversas manifestações artísticas regionais, aproximando a população do artista e o fazer artístico; gerar emprego e renda para a população de Jardim de Angicos; inserir o projeto no calendário de eventos do município; envolver a comunidade no planejamento, organização e realização do evento; resgatar a cultura da população de Jardim de Angicos para geração de emprego e renda.

O grupo participante do projeto, atua mensalmente no município. Com as crianças vem se desenvolvendo o subprojeto Nutrindo Mentes, que objetiva proporcionar ações de valorização de atividades lúdico pedagógicas, com destaque para as contações de histórias, aulas de dança e expressão corporal, teatralidade. Além da sensibilização para boas práticas alimentares e noções de preservação do meio ambiente, reciclagem e sustentabilidade.

Por meio das contações foi pretendido gerar nas crianças um conhecimento sobre a arte e cultura, e como isso pode influenciar no desenvolvimento de cada uma.

Material e Metodologia

As contações acontecem no espaço físico do Clube de Mães do município, espaço aberto, central e de livre acesso para toda a população. Começamos, geralmente com exercícios de aquecimento do corpo, o qual também ajuda na interação entre as crianças e entre nós, os contadores, e elas. O exercício mais utilizado é a ciranda, no qual são trazidas canções da cultura popular.

Em seguida, as crianças fazem um grande círculo, que será o palco para as contações. Antes de cada uma das contações o grupo se reúne para decidir por cada uma das histórias que deverá ser contada. Escolhemos, normalmente, aquelas que têm como intuito civilizar, ensinar a importância de tomar banho e escovar os dentes; ser educado com todos; respeitar os mais velhos; respeitar as diferenças entre raças, religiões, incapacidades motoras ou mentais; formar cidadãos conscientes ambientalmente; ensinar a ser solidário.

Cada uma das histórias escolhidas são discutidas pelo grupo anteriormente, nessa discussão decidimos cada um dos recursos visuais que serão utilizados. Dentre esses recursos estão livros, instrumentos musicais ou aqueles que emitam algum tipo de sons, fantoches, varal de bonecos. Também fica decidido as indumentárias dos componentes para o dia da contação, as quais geralmente são bastante coloridas, com o intuito de chamar a atenção dos ouvintes.

Ao final das contações, são realizadas atividades complementares, como conversar sobre as mensagens passadas por cada uma das histórias, propor a feitura de desenhos e textos sobre os temas das histórias ou sobre os personagens que mais os agradaram.

Resultados e Discussões

É de conhecimento geral a importância do ouvir histórias para a formação de qualquer criança. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, tendo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. É poder sorrir, gargalhar com situações vividas pelos personagens e com a idéia dos contos, então, a criança pode ser um pouco participante desse momento de humor, de brincadeira e aprendizado.

Assim como outras formas de expressão artística, a literatura propicia o desenvolvimento integral do homem, que percorre, pela linguagem, mundos desconhecidos, cria e recria realidades, vivencia situações, amplia o conhecimento de mundo, encontra o equilíbrio emocional e psíquico, desenvolve seu senso crítico. Seja no papel de escritor ou de leitor, a literatura possibilita ao homem a expansão do seu potencial criador e imaginativo, satisfazendo sua necessidade de ficção (Vieira, 2008).

Com o intuito de proporcionar uma aprendizagem de forma lúdica realizamos e continuamos a fazer as contações de histórias em cada uma das visitas ao município de Jardim de Angicos, reunindo uma média de vinte e cinco crianças em cada umas das atividades. Elas possuem idades variadas, indo de quatro até quatorze anos.

Foi através dessa atividade que notamos a deficiência de leitura de alguns dos participantes. Alguns não lêem ainda, mesmo estando em uma idade em que isto já era esperado, alguns só sabem escrever seus nomes, ou fazem isso muito mal.

Notamos que o contato com as histórias, com os livros e com o imaginário despertam o interesse pela alfabetização e pela leitura. Além de comprovarmos que "enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança". (Bettelheim, 2004).

Um bom exemplo é o fato de um dos participantes, com doze anos de idade, o qual possuía e ainda possui muita dificuldade na leitura e escrita. Foi relatado pelo próprio jovem um maior interesse em aprender a ler e escrever, e pelos seus professores o melhor

desempenho nos estudos depois que o jovem começou a participar das contações de histórias.

O maior interesse pela leitura também pode ser comprovado pelo prazer com que as crianças demonstram fazer as atividades propostas e a forma como cada um se dedica para ouvir cada uma das histórias e depois expressá-las no papel.

Conclusão

Segundo Busatto (2003), não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos apropriar dele para encantar, é necessário a consciência de que “o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria”.

Contar e ouvir histórias é uma possibilidade libertária de aprendizagem e uma atividade de suma importância na construção do conhecimento e do desenvolvimento ético e significativo da criança enquanto ser humano. Assim, concluímos que ainda há muito a se fazer, histórias novas para se contar, novos gestos e sensações há provocar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
- ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil – gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- BUSATTO, C. Contar & encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KIRCHOF, E. R.; SILVEIRA, R. M. H. Contação de história: uma análise da escolha de histórias em um recorte de experiências gaúchas. 2009.
- MEIRELES, C. Os melhores poemas de Cecília Meireles. Seleção de Maria Fernanda. 12. ed. São Paulo: Global, 2000.
- SILVA, M. F. da. Construção da identidade por meio da literatura infantil. Disponível em: <http://portalliteral.terra.com.br/artigos/construcao-da-identidade-por-meio-da-literatura-infantil>. Acesso em 26 de junho de 2011.
- SILVEIRA, R. M. H. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa Vorraber Costa (org.). O currículo nos limiães do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- VIEIRA, A. Formação de Leitores de Literatura na Escola Brasileira: Caminhadas e Labirintos. 2008.

O USO DE ERVAS E BENZEDURAS, PATRIMÔNIO IMATERIAL DA COMUNIDADE DO BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO.

Temática: Cultura

Responsável: L. Antonio Morates

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

L. ANTONIO MORATES¹

D. CURA MINUZZO²

A. MARIA DALLA ZEN³

RESUMO

Relato de ação de extensão realizada dentro do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania, voltada para o registro da prática das benzeduras e uso de ervas medicinais, que ainda estão presentes no cotidiano da comunidade. Por isso entendemos que uma das funções de um Museu Comunitário é zelar pela preservação dessa memória, com isso a investigação será feita através do projeto *rodas de memória* que emprega a metodologia da história oral, e sob a forma de pesquisa-ação, que visa reunir as narrativas orais dos sujeitos possuidores dessa memória/prática, com isso contribuindo para a valorização do sentimento de pertencimento social, com consciência coletiva e auto-estima da comunidade. Os registros das memórias serão convertidos em exposições itinerantes e documentos digitais, como estratégia de preservação da cultura imaterial da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Medicina Alternativa, Cultura imaterial, Memória social.

¹ Acadêmico do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do Programa Lomba do Pinheiro Memória Informação e Cidadania. historiaeduca@bol.com.br

² Aluno do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do Programa de Educação à Distância da UFRGS. davidminuzzo@hotmail.com.

³ Professora Doutora do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora do Projeto. azen@ufrgs.br.



INDRODUÇÃO

O uso de plantas, na cultura humana, constitui-se de uma prática milenar, construída no exercício do senso comum, nas relações entre cultura e saúde, que igualmente foram se reconstruindo e influenciando ao longo do tempo.

As primitivas civilizações cedo se aperceberam da existência, ao lado das plantas comestíveis, de outras dotadas de maior ou menor toxicidade que, ao serem experimentadas no combate à doença, revelaram, embora empiricamente, o seu potencial curativo. Toda essa informação foi sendo, de início, transmitida oralmente às gerações posteriores. Esse homem primitivo, ao exemplo de muitas pessoas hoje, busca na natureza a solução para a cura dos mais diversos males que afetam sua saúde, no entanto muitas vezes essas curas entram para o contexto espiritual, surgindo os feiticeiros, curandeiros, xamãs e benzedeiros, pessoas às quais cabe a tarefa de livrar o corpo e a alma das enfermidades, fazendo assim a ligação entre a magia, religião e saúde.

Os séculos XVI e XVII marcam o surgimento de um novo paradigma, iniciado com a Revolução Científica, a ciência foi reduzida a fenômenos matemáticos e quantificáveis, repercutindo na instalação de um modelo de saúde no qual se substituiu a concepção holística do Universo, pela noção de mundo máquina (ALVI et al., 2011). Com a consolidação do positivismo o conhecimento e as terapias anteriormente empregadas na saúde humana, a exemplo das plantas medicinais, entre outras práticas culturais, foram marginalizadas por não ter base científica.

Nesse contexto, no bairro Lomba do Pinheiro⁴ existe o costume, por parte de alguns moradores, do uso popular de plantas medicinais. As características rurais que o bairro preserva até hoje possibilitaram a utilização desses recursos, pois a agricultura e o contato com a terra eram comuns, o que beneficia o preparo de chás a partir de ervas, que são encontradas em muitas hortas ainda hoje. Também se configurava como uma alternativa de tratamento, já que o bairro não contava com uma ampla rede de saúde, somado à falta de recursos financeiros dos moradores.

Hoje algumas práticas populares, entre elas o uso terapêutico das plantas medicinais, começaram a ser reutilizadas no meio científico, não no sentido de se contraporem às alopáticas, mas de atuarem como complementares às práticas de saúde

⁴ Localiza-se na região Leste de Porto Alegre, fazendo divisa com Viamão.

vigente. Nosso intuito com esse trabalho é inequívoco, não estamos incentivando o uso de ervas ou benzeduras, porém apenas registrando essa prática como forma de cultura imaterial.

Portanto, trata-se de uma proposta de integração do currículo do curso de Museologia, estabelecendo conexões diretas entre as disciplinas de Ação Educativa em Museus Comunitários e Metodologia da Pesquisa em Ciências da Informação, mediante a experimentação de conteúdos de sala de aula numa experiência de investigação e de extensão universitária em periferias. Ao mesmo tempo, se converte num modo de concretização da Nova Museologia, que considera o museu comunitário como um mediador entre o patrimônio cultural da comunidade de que faz parte e a ação acadêmica, representada pelo curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu no bairro Lomba do Pinheiro sendo que seus dados eram compilados e pesquisados na sede do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, que nasceu devido a iniciativa da comunidade, mais presencialmente do grupo familiar Remião, que doou o prédio do antigo Armazém da família para constituir-se a sede do Museu.

Para a realização da mesma foi feito levantamento entre os antigos moradores que participaram da construção do bairro nas décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960. Dentre os moradores que tiveram contato com ervas e benzeduras, foram selecionados oito moradores, divididos em dois grupos, os ligados às benzeduras e orações e outro ligado às ervas e chás. Ambos foram visitados e participaram do Projeto Rodas de Memória⁵. As Rodas de Memória foram conduzidas por mediadores que realizaram perguntas para melhor direcionamento das conversas em conformidade com os temas a serem abordados. Os encontros foram gravados em áudio e vídeo, após serão analisados, editados e postados em ambiente virtual.

⁵ O Projeto Rodas de Memória é parte das atividades do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, que através da história oral pretende trazer à luz aquelas memórias que são mantidas latentes na individualidade e que em breve serão perdidas por completo.



RESULTADOS

Ao findar da pesquisa notamos que na fala das pessoas ligadas à reza, há uma forte crença nestas práticas ritualísticas, uma vez que os entrevistados afirmam já terem sido procurados para a prática de rezas e benzimentos. Prova que a prática cultural dos rituais de rezas e benzeduras se mantém ainda muito presente nestas comunidades, e esses, para realizar seus benzimentos, fazem uso principalmente de pequenos ramos das plantas, com porções de caule e folhas, ou apenas folhas, em suas orações. Todos os rezadores entrevistados confessaram ser católicos de nascimento e entre eles alguns são mais fervorosamente praticantes da fé católica. Quando indagados onde e como aprenderam a realizar a cura através desta prática, todas as respostas convergiram: prática foi passada principalmente por meio da oralidade, sendo que esse saber será repassado para pessoas próximas como parentes e amigos.

Já na fala dos entrevistados com afinidades ligadas ao uso de ervas e chás nota-se o conhecimento etnobotânico, conhecimento adquirido pelo uso cultural de algumas espécies de plantas, o que faz destas pessoas, figuras respeitadas no seio de suas comunidades e talvez, por isso, a própria comunidade as perceba como mantenedoras do saber dos rituais de cura através do uso de plantas. Outro fato é a troca de plantas que se dá entre os praticantes, e ambos os grupos não cobram por seus serviços, constituindo-se numa atividade de caridade que quem recebe igualmente como quem oferece tem que ter fé.

Com o termino das pesquisas o material selecionado fez parte de uma exposição durante a 9ª Semana Nacional de Museus e está acontecendo no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, e com isso foi possível ampliar o acervo da instituição e contribuir com a guarda e preservação da história do bairro.

CONCLUSÃO

Podemos perceber que a partir das primeiras roda de memória foi possível fazer com que os entrevistados percebessem o valor de suas memórias e das histórias de vida. Essa pesquisa permitiu a construção e registro de parte da história do bairro contada pelos seus próprios atores sociais. Além disso, está contribuindo para a aproximação entre os antigos e atuais moradores da comunidade, o que permite a troca de saberes entre moradores, favorecendo a valorização social de ambos.

A partir dessa exposição, poderão ser avaliados os impactos e as mudanças surgidas dentro da comunidade, no que se refere ao aumento da auto-estima e do sentimento de pertencimento ao bairro. Quanto aos alunos que participarão da atividade de Extensão, significou a inserção numa prática pedagógica que estabelece as necessárias relações entre a teoria e a prática, dentro do cotidiano de um museu comunitário, formando não apenas o pesquisador, mas também o caráter do cidadão.

REFERÊNCIAS:

ALVIM, Neide Aparecida Titonelli; FERREIRA, Márcia de Assunção; CABRAL, Ivone Evangelista. **O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico:** das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. Revista Latino Americana de Enfermagem.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/pt_v14n3a03.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2011.

INOCÊNCIO, Doralice. **Entre a ciência e a crença::** A postura médica frente à “Cura Religiosa”. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_3/03.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2010.

MENEZES, U.T. Bezerra de. **A História, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das ciências Sociais. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. SP, n. 34, 1992, p. 9.24.

SILVA, Cláudia Feijó da. **Lomba do Pinheiro:** Ontem e Hoje. Arquivo do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e Memorial da Família Remião.

**PATRIMÔNIO CULTURAL DO VALE DO TAQUARI/RS, AÇÕES
SOCIOCULTURAIS E SUAS ABORDAGENS NO PROJETO
ARQUEÓLOGO POR UM DIA**

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Jéssica Riedi, Neli Galarce Machado, Maribel Girelli, Cátia Gonçalves, Letícia Zanon.

Instituição: Centro Universitário UNIVATES

Resumo

O Arqueólogo Por Um Dia é um projeto de Extensão vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação do Centro Universitário Univates em Lajeado-RS, desenvolvido pela equipe do Setor de Arqueologia, vinculado ao Museu de Ciências Naturais. O projeto Arqueólogo Por Um Dia se desenvolve dentro dos limites regionais do Vale do Taquari/RS em escolas de ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas. Trata-se da revalorização da história, da memória e da cultura regional despertada pela pesquisa arqueológica e histórica e trabalhada sob a ótica do patrimônio. As atividades, de caráter interdisciplinar, estimulam a memória e uma sensação de pertencimento ao ambiente onde os alunos estão inseridos, as mesmas ocorrem em dois turnos (manhã e tarde), e são divididas em dois momentos. O Projeto é um constante processo de aprendizagem, onde o aluno é o agente difusor do conhecimento. Desde 2006 já foram atendidos 3.562 alunos em 25 municípios diferentes do Vale do Taquari. Sendo assim difícil de observar resultados imediatos, pois ao se trabalhar com conscientização, os resultados são apenas observáveis em longo prazo.

Palavras-chave: Educação Patrimonial – Arqueologia – diversidade cultural

Introdução

A disposição fundamental do projeto de educação patrimonial “Arqueólogo por Um Dia” é construir um caminho que possa substituir um modelo de educação desvinculado com as realidades socioculturais da grande massa dos estudantes da educação básica no Brasil. Uma proposta introduzida no projeto e que o permeia do início até o fim, é perceber o patrimônio cultural sob o ponto de vista da arqueologia e da história. O Projeto leva à população do Vale do Taquari as pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates. Com isto, é

ansiado disseminar os conhecimentos desde a história pré-colonial até a época presente. Sensibiliza-se a comunidade para que perceba seu ambiente urbano e seu patrimônio cultural e, essencialmente, a analogia entre estes e a sua vida.

Uma inquietação que transpõe o desenvolver das oficinas é de proporcionar à comunidade uma visão integrada de ambiente e sociedade para que através da sensação de pertencimento à natureza possa haver uma modificação no processo de desenvolvimento regional, brotando uma nova perspectiva, através do Projeto, de necessidade de compreensão e respeito para com as minorias étnico-sociais. O “Arqueólogo Por Um dia” tem como finalidades, transmitir os conhecimentos desenvolvidos no âmbito acadêmico para a comunidade e unir esta à produção científica, desmistificar a Arqueologia (divulgada de forma muitas vezes equivocada pela mídia), transmitir aplicações técnicas e metodologias da arqueologia de maneira simples, oferecendo assim aos estudantes a capacidade de levantar questionamentos ao livro didático, ao conhecimento convencional, às histórias populares estimulando um novo olhar sobre os monumentos e praças de sua própria cidade.

O projeto tem profundas relações com a educação regional e está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, acreditando que a “consciência histórica está presente na perspectiva da continuidade e da transformação, do processo temporal direcional, porém fracionado por rupturas e novas possibilidades” (BRASIL, 2000: 15).

Temos a intenção de proporcionar uma visão autônoma sobre a realidade, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais requer clareza quanto aos processos sociais e históricos, evitando o imobilismo diante de novas situações. Pois

“as tradições sociais, culturais, econômicas, políticas, jurídicas e filosóficas, embora sejam referenciais, não devem levar o indivíduo a se conformar com o já visto, o já conhecido, o já experimentado. Antes, devem impulsioná-lo à construção de alternativas, à reinvenção dos processos e das atitudes, à superação das resistências à ação criativa, a fim de que, com a consciência do passado e os pés no presente, o pensamento e a ação se projetem para o futuro.” (BRASIL, 2000:15).

Portanto, é buscado como fim último o despertar da consciência crítica diante das situações cotidianas e históricas.

Material e Metodologia

A realização do Projeto é iniciada ainda no primeiro contato entre a escola interessada em receber a equipe do “Arqueólogo Por Um Dia”, que é composta por dois estagiários de extensão (acadêmicos do curso de Licenciatura em História da Univates),



durante dois turnos ao longo de um dia (manhã e tarde). Em seguida a visita é agendada e realizada na data combinada. Neste primeiro acordo, são estabelecidos alguns pré-requisitos para a realização do Projeto na escola (cola, argila, jornal, pequenos potes cerâmicos e área limpa de ervas daninhas com aproximadamente 50 m² de dimensão). O projeto se responsabiliza pelo deslocamento e por alguns materiais que serão utilizados no desenvolvimento das atividades (notebook, datashow, pincéis, espátulas, barbantes, piquetes, material arqueológico dos sítios regionais, *GPS*, carta topográfica e máquina fotográfica). A jornada de trabalho do projeto é dividida em duas partes: uma “teórica” e outra “prática”.

As atividades são divididas em dois momentos. Durante a parte manhã é realizada a subdivisão “teórica”, onde ocorre uma oficina dialogada. São apresentadas imagens e vídeos sobre a profissão do arqueólogo e de culturas pré-coloniais, relacionando-os com a diversidade e o patrimônio cultural. A todo o momento é incentivada a participação dos alunos. Esta parte é formada também por uma oficina patrimonial aonde os alunos têm o contato direto com material arqueológico oriundo dos sítios arqueológicos do Vale do Taquari, são pequenos mostruários contendo material lítico, cerâmico e materiais diversos da arqueologia histórica.

Na segunda subdivisão, à tarde, ocorrem oficinas “práticas”, onde os estudantes têm a oportunidade de aplicar as técnicas e métodos conhecidos durante a oficina “teórica”. Na primeira delas, os estudantes trabalham com argila, cada aluno produz para si uma vasilha de argila utilizando a técnica do “acordelado”, a mesma usada pelas oleiras Guarani, encontrada nos vestígios arqueológicos do rio Forqueta e Taquari. Essa tentativa tem como intenção transmitir aos estudantes os “significados e tramas por detrás da “imobilidade” do vestígio arqueológico: a capacidade de transformação da natureza com o uso da inteligência e a resolução de problemas dentro de sistemas culturais diferentes do nosso.” (RELLY, ÀVILA e MACHADO, 2008: 171). Após esta fase de trabalho, os alunos são incentivados a trabalharem de tal forma a se sentirem “verdadeiros” arqueólogos. Primeiramente, há uma caminhada com análise geoambiental, com explicação sobre o instrumento de precisão de localização geográfica *GPS* (*Global Positioning System*) e cartas topográficas de regiões do Vale do Taquari. Posteriormente, inicia-se a medição da área no sítio a ser escavado, o cálculo do perímetro, área, a demarcação do local e divisão de quadrículas, assim se inicia a criação do sítio simulado que será escavado pelos próprios alunos. Durante a escavação, os alunos analisam a área demarcada e escavam em busca de fragmentos de cerâmica

(não arqueológicos) previamente enterrados pela equipe do Projeto, o sítio simulado tem a intenção de demonstrar a “improdutividade” dos fragmentos a construção de hipóteses que possam formular o funcionamento de algum grupo social de determinado tempo remoto. Após o sítio simulado, iniciam-se os trabalhos de laboratório, onde é feita à limpeza do material recolhido na atividade de campo e a catalogação do mesmo, em seguida todos os alunos se envolvem na remontagem dos “caquinhos”, simulando o “dia a dia” de um arqueólogo. Para concluir essa atividade é proposto aos alunos a elaboração de um relatório escrito e ilustrado, expressando o modo como cada um percebeu o “dia de arqueólogo”, representando um diário de campo.

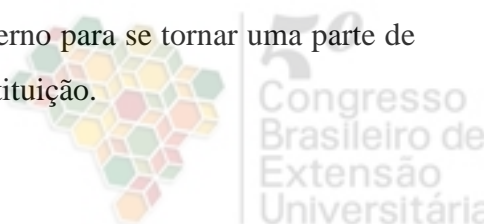
Resultados e Discussões

Desde 2006 até junho de 2011 foram atendidas, aproximadamente, 3.562 estudantes da rede pública e privada do Vale do Taquari, entre 25 municípios. Por se tratar de ações essencialmente sociais, a equipe tem grande contato com membros da comunidade escolar, entre eles professores de diversas áreas, coordenadores pedagógicos, diretores, além dos alunos. Acreditamos que este tipo de projeto obtém resultados em longo prazo de forma que torna difícil medir ou tornar numérico, pois estamos tratando de relações subjetivas e de cidadania, com o patrimônio histórico da região e da humanidade.

As atividades desenvolvidas pelo Arqueólogo Por Um Dia dão potencialidades para o esclarecimento de assuntos que pouco ou em nada são abordados em sala de aula. De maneira observável alguns aspectos se destacam ao longo do desenvolvimento do Projeto. Percebeu-se uma valorização do papel do arqueólogo diante da comunidade do Vale do Taquari, notou-se também que o recebimento do estudo arqueológico na região deixou de ser algo “assustador” por parte dos agricultores, depois da criação do Projeto um número relevante de pessoas se mostrou entender a arqueologia como uma forma de regate histórico cultural do Vale do Taquari, além disso, existe uma forte apropriação do projeto por parte das escolas, em escolas onde o Projeto é realizado anualmente, nota-se que ele se transforma, deixando de ser algo externo para se tornar uma parte de grande importância na formação dos alunos daquela instituição.

Conclusões

Como este projeto tem uma relação intensa com as escolas, consideramos que estamos desenvolvendo um novo olhar sobre a história regional e construindo um novo



“gosto” pela área das humanas, como a História. O Patrimônio passa a ser visto como algo próximo, que faz parte da identidade, da memória da sociedade. A partir dele pode-se compreender a formação e transformação da sociedade e as intervenções causadas pelo ser humano como agente social. O Projeto leva aos alunos a possibilidade de ampliar seu horizonte sobre o ambiente e a localidade onde estão inseridos, valorizando sua própria existência. As ações do projeto em si, são ações sócio culturais. Uma das preocupações constantes nas atividades é relacionar as ações humanas regidas por suas culturas e seus impactos e transformações na paisagem e no ambiente. A partir daí poderá surgir em cada um o desejo pela pesquisa, o despertar do sentimento de pertencimento e com isso a sensibilização à preservação e conhecimento sobre seus patrimônios culturais sejam imateriais ou materiais. Tornando-se assim um agente para a construção de um futuro que leve em conta as condições reais do ambiente e da sociedade em que estão inseridos. Acreditamos que transformando a percepção fragmentada da realidade, podemos contribuir para a formação da cidadania.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso: 21.10.2010

RELLY, Eduardo; ÁVILA, Antônio Marcos de; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **Experiências de uma Educação Patrimonial – Arqueólogo por um dia no Vale do Taquari / Rio Grande do Sul**

BESSEGATTO, Mauri Luiz. **O patrimônio em Sala de aula: fragmentos de ações educativas**. 2ª edição Porto Alegre: Evangraf, 2004.

FIEGENBAUM, Jones; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli T. G.; LOPES, Sérgio N. Um **exemplo de educação patrimonial que dá certo: Arqueólogo por um dia no Vale do Taquari/RS/Brasil**. In: Anais do III Estadual sobre Museu, Preservação de Patrimônio, Memória e Identidade. Lajeado: Ed. UNIVATES, 2005. p. 35-42.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. PGM 1 – **O que é educação patrimonial**. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/pgm1.htm>

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, patrimônio e cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.



II FÓRUM INTERNACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS:

“TU ME CONHECES? EU TE CONHEÇO!”

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Denise Marcos Bussoletti

Instituição: Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Camila Martins de Souza ¹; Denise Marcos Bussoletti ²

RESUMO

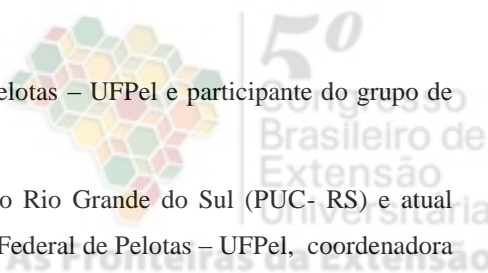
Esse trabalho tem por objetivo mostrar os resultados obtidos e o que foi II Fórum Internacional de Contadores de História realizado em Pelotas – Rio Grande do Sul, em Dezembro de 2010. O segundo ano do evento (o primeiro foi em outubro de 2009) teve como temática o carnaval através das aproximações entre as manifestações culturais do candombe uruguaio e do samba brasileiro. O fórum foi composto por diversas *Rodas de Contações de Histórias*, performances artísticas e musicais, assim como, por apresentações de trabalhos acadêmicos, cumprindo assim, com um dos principais objetivos do encontro que é o reconhecimento das culturas populares visando o fortalecimento de perspectivas identitárias tendo como princípio o respeito pela diversidade.

Palavras chave: Cultura popular; Narrativas populares; Intercâmbio

INTRODUÇÃO

¹ Aluna do 2º ano de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPel e participante do grupo de extensão NALS.

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC- RS) e atual Professora Associada da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Pelotas – UFPel, coordenadora do núcleo de extensão NALS(Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade).



O II Fórum Internacional de Contadores de Histórias é consequência da participação do NALS (Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade)³ da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), no *Foro Latinoamericano de Memória e Identidad*, que acontece também anualmente em Montevideu, no Uruguai. As experiências realizadas no Uruguai fomentaram a organização, no Brasil, de um projeto parceiros de propósitos. Ambos, NALS e SIGNO⁴ interessam-se pela descentralização dos lugares de poder-saber, valorizando as culturas e estéticas periféricas.

O evento ocorreu nos dias 15 e 16 de dezembro, no ano de 2010, em Pelotas - Rio Grande do Sul. A temática escolhida para esta edição do Fórum foi a festa popular do carnaval que em sua riqueza de linguagem e expressões constituíram-se como o fio condutor de evento. Os tambores, sobretudo os do candombe uruguaio (piano, chico e repique) e o do sopapo brasileiro, foram os elementos básicos que através de suas práticas e significações reforçaram o elo cultural entre os participantes.

Um dos principais objetivos do Fórum foi o de promover discussões relacionadas à identidade e memória, as culturas e práticas populares, o espaço da cultura e as mobilizações sociais que se verificam neste contexto.

O carnaval e o candombe e a sua relação direta com as comunidades de origem e sustentação proporcionaram a busca dessa troca de conhecimento, reforçando uma maior aproximação das culturas populares e o meio acadêmico.

MATERIAL E METODOLOGIA

³ O Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade – NALS, é ligado à Faculdade de Educação da UFPel e tem se consolidado, nos seus três anos e meio de existência, como lugar de criação, pesquisa e extensão com abordagens interdisciplinares, agregando, sob a coordenação da Prof.^a Dra. Denise Bussoletti, alunos de diversos cursos de graduação, especialização e pós-graduação da UFPel.

⁴ O Centro Interdisciplinar SIGNO é formado por profissionais que tem como objetivos estudar os campos das culturas populares, a democracia social e as identidades socioculturais, num projeto de ação social participativa dentro da América Latina.

Primeiramente, devemos ter em vista que realizar o II Fórum Internacional de Contadores de Histórias foi uma tarefa que inicialmente teve a influência gerada pela participação do NALS no *Foro Latinoamericano*, como já foi citado anteriormente. Partindo deste evento e da realização de diversas etapas que foram paulatinamente desenvolvidas através de reuniões, encontros e debates que visaram à concretização do projeto, foi possível pensar o encontro, sua estratégia e objetivos.

Dessa forma, a partir do intercâmbio de conhecimentos gerado no evento uruguaio, passamos a nos interessar pela realização de outros eventos que incrementassem o diálogo com as culturas da América latina e, sobretudo, com as narrativas populares. A proposta metodológica foi pensada a fim de promover a união do acadêmico e do popular, sendo o evento uma consequência desse lugar de encontro-expressão.

Decidir pela temática “carnaval” foi um processo que passou por diversas discussões acerca da diversidade cultural, sua história e sua importância no Brasil e no Uruguai. Além disso, a questão musical foi importante para a elaboração do tema, posto que vimos nela uma relação direta com a cultura popular, o que nos trouxe ainda mais formas de promover relações de troca, não só com a nossa comunidade local, mas também com membros da comunidade uruguaia.

A organização das apresentações de trabalhos foi pensada de modo que as narrativas fossem partilhadas através de cinco Rodas de Contação de Histórias: Roda 1 - Identidade e Memória; Roda 2 - História, Cultura e Práticas Populares; Roda 3 - Educação, Diversidade e Conhecimento no Cotidiano; Roda 4 – Arte e Expressão Popular; Roda 5 – Espaço, cultura e mobilizações sociais.

As oficinas também foram organizadas em forma de Rodas, como a de Candombe, coordenado por Luis Guillermo Ceballos – Uruguai, e a do “Carnaval de Assalto”, que contava com Dona Sirley, griô do Movimento Negro de Pelotas.

As performances artísticas também contaram com apresentações dos integrantes do NALS. Fantasias carnavalescas, pinturas de máscaras, malabares com fogo, bonecos gigantes e palhaços compunham a estética da primeira noite do Fórum, com um fundo rítmico formado por vários instrumentos acompanhando a cantora Giamarê, interpretando canções e marchinhas do carnaval de rua. Uma dessas marchas foi escolhida como subtítulo desta edição do evento onde pelo grito dos mascarados de um passado recuperado, repetiu-se o chamado: “Tu me conheces? Eu te conheço!”



Fig.1: Cantora Giamarê. Abertura.

Foto: *Acervo NALS*



Fig 2: Oficina de Candombe.

Foto: *Acervo NALS*

O encerramento do II Fórum Internacional de Contadores de História ocorreu na noite do dia 16 com a oficina de Candombe, que nos deu explicações sobre a história, o ritmo e as tradições existentes. Também foram homenageados nesta noite, através do troféu "Contadores de Histórias", a Dona Sirley e o Mestre Baptista, dois griôs do Movimento Negro, reconhecidos pela sua contribuição para a cultura e ao carnaval local e regional.

Foram convidados para tal homenagem representantes das escolas de samba de Pelotas a fim de promover o já esperado encontro entre o samba e o candombe. Após a apresentação da escola de samba, com todos os integrantes, desde a bateria até as passistas, o grupo de candombe e o Mestre Batista, foram convidados para misturar seus tambores aos da escola. O evento assumiu assim o verdadeiro espírito das festas populares contribuindo para caracterizar a universidade como um espaço de promoção e de respeito pela cultura e pela diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisarmos os resultados obtidos através da realização desta edição do evento podemos ver que foi possível estabelecer o encontro entre comunidade e meio acadêmico, contribuindo no resgate da memória e para a celebração da diversidade pela identidade tendo a cultura popular como perspectiva.

A possibilidade de promoção e de aproximação dialógica entre as culturas populares, brasileira e uruguaia, se revelou como um espaço extremamente produtivo e criativo sugerindo novos caminhos e práticas extensionistas. A avaliação dos participantes a partir dos depoimentos manifestos nos leva a atualizar o compromisso da Universidade pela extensão em dar continuidade ao seu projeto pedagógico, aproximando as fronteiras entre o acadêmico e o popular, a realidade e a teoria.

CONCLUSÕES

O que pudemos concluir ao final do evento foi que não só é possível como é necessário a universidade assumir a tarefa de dar visibilidade as diferentes formas de conhecimento que são produzidas pela comunidade, compreendendo e ampliando os limites de sua ação e interlocução não só no âmbito regional, mas fundamentalmente com aquilo que se constitui como traço singular das formas identitárias dos povos da América Latina. Seguimos assim, aproximando fronteiras, renovando os sentidos da produção de conhecimentos na universidade pela comunidade e através da cultura, pensando e fazendo a extensão como possibilidade objetiva de realizações afirmativas no sentido do resgate da nossa história e do sentido do exercício da memória como prática educativa.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, W. *O Narrador*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; Vol.I).

BHABHA, H. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.



**III FESTIVAL ENGLISH OF THE COUNTRIES WHERE
ENGLISH IS THE OFFICIAL OF THE OTHER COUNTRIES
INFLUENCED BY ENGLISH**

**(III FESTIVAL DAS NAÇÕES OFICIAIS E INFLUENCIADAS
PELA LÍNGUA INGLESA)**

AFRICAN ENGLISH: CULTURE, FASHION, LANGUAGE AND ART

(INGLÊS AFRICANO: CULTURA, MODA, LÍNGUA E ARTE)

ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

RESPONSÁVEL PELO TRABALHO: Jackson Santos vitória de Almeida

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

NOME DO AUTOR: Jackson Santos Vitória de Almeida

RESUMO

É notório que a cultura africana sempre foi alvo de críticas abusivas, deixando de lado suas diversidades culturais e variabilidade lingüística. Diante desta realidade restaram mediante proposta de interdisciplinaridade e implementação da lei 10639/03, que se tornou obrigatório nas escolas estaduais o ensino da História da África e dos afro-descendentes. Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho consiste em construir junto com os estudantes do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), o conhecimento acerca da cultura inglês-africana, nas disciplinas de inglês e arte do turno matutino e noturno do Colégio Estadual Santa Bernadete, município de Amargosa/BA. Sendo assim, desenvolve-se os seguintes objetivos específicos: Compreender a percepção da própria cultura por meio da compreensão das culturas dos países que tem o inglês como língua oficial; Estimular a capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir, interpretar situações, pensar de forma criativa e fazer suposições por meio da utilização da língua inglesa africana; Articular com os temas transversais a possibilidade de se usar a aprendizagem da língua inglesa como espaço para se compreender, na escola, as várias maneiras de se viver a experiência humana; Realizar um maior envolvimento dos alunos com esta língua, através das mais diversas formas culturais existentes no mundo sendo política, sociais, econômicas, religiosas, artísticas e étnicas. Dessa forma, os estereótipos ainda presentes nas escolas públicas, dificultam mudanças mais eficazes nos programas de ensino. A partir disso, o trabalho buscou promover discussões através de pesquisas sobre países africanos como Gana, África do sul, Nigéria e Camarões.

Palavras-chave: cultura, idioma, identidade.

As Fronteiras da Extensão

INTRODUÇÃO

É necessário que venhamos propor novas formas de aprendizado, evidenciando através do lúdico a participação e novas interpretações sobre esta cultura de maneira criativa e dinâmica, fazendo com que haja maior envolvimento dos alunos na leitura de pesquisas sobre estes países. Segundo os PCNs (1998) é necessário que se ative o conhecimento prévio dos alunos em relação ao conhecimento do mundo: e explorar o título, subtítulos, figuras, gráficos, desenhos, autor e fonte.

Fazendo isso obteremos o reconhecimento dos mesmos de que o aprendizado de uma Língua Estrangeira facilita o acesso a outras culturas. De acordo com os PCNs (1998) a natureza sócio interacional da linguagem pode ser verbal ou visual, pois quem a usa considera aquele a quem a se dirige. Todo encontro interacional é marcado pelo mundo social que o envolve isso quer dizer que os eventos interacionais não ocorrem em um vácuo social. A participação do corpo docente viabilizará um maior contato desta cultura fazendo com que a comunidade escolar perceba a importância destas pesquisas, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem da (LE).

A participação do corpo docente viabilizará um maior contato desta cultura fazendo com que a comunidade escolar perceba a importância destas pesquisas, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem da (LE).

MATERIAL E METODOLOGIA

Os professores promoverão discussões sobre aspectos históricos e culturais dos países: África do Sul, Camarões, Gana e Nigéria. E farão com que os alunos de um modo geral reflitam e interpretem por meio de análises de dados a pesquisa, incentivando através destas a importância da preservação da memória cultural destes países. A segunda etapa das oficinas acontecerá através de atividades apoiadas em ilustrações de fotografias e textos em língua inglesa, nos quais levarão os alunos em dupla a visualizar a importância de se aprender uma língua estrangeira. Pois através

deste exercício eles descobrirão que muitas informações não estão disponíveis em língua materna, validando assim o ato de pesquisar em língua inglesa. A partir da terceira etapa os estudantes do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), encaminharam para atividades específicas. As turmas do fundamental realizaram na sua 3º, 4º, 5º, 6º e 7º etapa as seguintes atividades, elaboração e conclusão das pesquisas relacionadas ao apartheid e roupas africanas. A turma 5ºM8 realizou na sua 3º, 4º, 5º etapa as seguintes atividades: confeccionaram cartazes criativos para caracterizar o apartheid. As turmas do eixo V do EJA do noturno na sua 3º, 4º, 5º, 6º e 7º etapa escreveram textos em língua inglesa expressando por meio destes opiniões pessoais sobre roupas africanas e confeccionaram quadros de papelão de 40x40 cm devidamente forrados de papel Carmo preto no qual colarão os textos e suas respectivas fotos. As turmas do eixo VI do EJA 1,2,4 e 5 do noturno serão divididas em quatro grupos, onde cada um deles estiveram pesquisando aspectos históricos e culturais dos países Gana, Nigéria, Camarões e África do Sul. Onde as seguintes atividades foram realizadas nas etapas: 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º. O 1º e 2º1 fizeram as seguintes pesquisas sobre Gana: moda e culinária, cultura: alimentação e dança e biografia, obra, e fotografia da cantora Daddy Lumba em língua materna e em língua inglesa. O 1º e 2º2 fizeram pesquisas sobre a Nigéria: história da Nigéria, cultura, moda e culinária, biografia do escritor Ken Saro Wiwa e do dramaturgo Wole Soyinka obra e fotografia em língua materna e em língua inglesa. A turma do 1º e 2º4 fizeram as seguintes pesquisas sobre África do Sul: história da África do Sul, biografia da cantora Brenda Fassie obra e fotografia, biografia do escritor JM Coetzee obra e fotografia e cultura: alimentação, dança, moda e culinária. A turma do 1º2º5 fizeram as seguintes pesquisas sobre Camarões: história de Camarões, biografia da escritora Patrice Kaio obra e fotografia, biografia da cantora Werewere Liking obra e fotografia, cultura: dança moda, língua e arte. As pesquisas foram fixadas em 3 folhas de papel carmo contendo em cada uma destas uma lauda da pesquisa, após isso estas serão fixadas com cola quente em quadros com molduras de ripa de 1 metro de largura por 2 metros de comprimento, devidamente forrados com came preto e plenamente cobertos com folhas desidratadas os mesmos deverão ser criativos tendo como conclusão as apresentações destes para a comunidade escolar totalizando carga horária de 12h com orientação do professor Jackson Santos Vitória de Almeida. As turmas a seguir realizarão as etapas 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º. O 1º e 2º3 serão divididos em quatro grupos, onde cada grupo deverá confeccionar quadros de 1x1 m de papelão coberto com folhas

desidratadas contendo fotografias sobre o apartheid, música oficial da Copa do Mundo de 2010 (Waka Waka), mulher africana e dos países: África do Sul, Camarões, Gana e Nigéria. Os 126 foram divididos em quatro grupos, onde cada grupo deverá pesquisar em língua materna e em língua inglesa a história dos países: África do Sul, Camarões, Gana e Nigéria que serão devidamente colados em um papel preto a fim de que venha ilustrar a bandeira que os mesmos confeccionarão de cartão com suporte de madeira a fim de que fosse fixadas no teto do espaço onde houvera a conclusão destas atividades apresentadas à comunidade escolar. As oficinas tiveram conclusão com a exposição dos materiais que serão pesquisados e devidamente confeccionados pelos alunos para a comunidade escolar, o corpo docente, discentes e comunidade amargosense a realizar-se nos dias 07 e 08 de junho cronograma de atividades (Anexo 10).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O seguinte projeto disseminou maior conhecimento sobre o inglês africano, fazendo com que o alunado perceba a importância de romper com o modelo de ensino tradicional gramatical e passa-se a visualizar a partir de fotografias e vídeos suas relações identitárias por meio de análises profundas da cultura inglesa nestes países. O trabalho contemplou aproximadamente 500 alunos por meio da confecção e visita da exposição. Além de possibilitar a interdisciplinaridade entre as disciplinas de arte e inglês, e integrou os professores para execução do mesmo. Os debates em sala de aula possibilitaram que os alunos pudessem expressar suas opiniões sobre a disseminação da língua inglesa em continente africano e permitiu maior socialização e compartilhamento de ideias antes preconceituosas. Fazendo com que estes estereótipos fossem desmascarados e enfrentados de maneira com que os mesmos fossem vistos como resultado do processo sócio-cultural. A consolidação do projeto com a exposição dos trabalhos exaltou a auto-estima dos alunos desconstruindo a imagem de preguiçosos e incapazes, a visibilidade do projeto por meio desta ação elucidou a importância desta pesquisa para a comunidade escolar e a comunidade Amargosense.

CONCLUSÃO



Este projeto desenvolve algumas idéias sobre o ensino e aprendizado do inglês-africano. Trabalhar com textos e imagens de outras culturas e faz com que o aluno possa interagir e a partir desta interação, perceber as diferenças culturais existentes promovendo a socialização dentro e fora da sala de aula de assuntos polêmicos como: preconceito lingüístico, diferenças étnicas e de espaço social. Esta atividade possibilitou também um maior contato com a língua em estudo, pois a maior parte da pesquisa só foi encontrada em língua inglesa, valorizando ainda mais o processo de pesquisa, despertando no alunado a importância de adquirir o inglês como segunda língua além de permitir que estes fossem co-participantes destas descobertas.

REFERENCIAS

BRASIL-MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de Educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte: MEC/SEF, 1997.

IGREJA, Jose Roberto A. fale tudo em inglês. São Paulo: Disal, 2007.259 p.

SOUZA, Adriana Grade Fiori et.al. **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental.** São Paulo: Disal, 2005, 151 p.

OLIC, Nelson Bacic;CANEPA,Beatriz.**África: terra,sociedades e conflitos.**São Paulo: Moderna, 2004.126 p.

RODRIGUES, João Carlos. **Pequena história da África Negra.** São Paulo: globo; [Brasília, DF]: Secretaria da Cultura da Residência da República: Biblioteca Nacional, 1990.283 p.

M'BOKOLO,Elikia. **África Negra: história e civilizações.**tradução de Alfredo Margarido e Valdemir Zamparoni; Assistentes;Bruno Pessoti e Mônica Santos .Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009 .(p.209-515).

LEVENTHAL, Lilian Itzicovitch; ZAJDENWERG, Ruth Bron; SILVÉRIO,Tatiana. **Inglês é 11!:** Para professores de fundamental 1(1º ao 5ºano).Barueri,SP: 2007.183 p.

BRASIL-MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de educação fundamental. PCNs: ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.120 p.

MEDEIROS, João Bosco, **Redação Científica:** A pratica de fechamentos, resumos e resenhas. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003. (p.67-72).

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África:** a temática africana em sala de aula.São Paulo: Cortes, 2007. (p.21-159).

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino, **Metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002. (p.5-19).



ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard Lagravenese:Produção:Richard Lagravenese
EUA/Alemanha:Paramount pictures, 2007.1 DVD (123min).

MATOS, Francisco Gomes de. **Criatividade no ensino do inglês**. São Paulo: Disal, 2004. 109 p.

GHANA web. 1994. Disponível em
<<http://www.ghanaweb.com/ghanahomepage/history/>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

HISTÓRIA DA NIGERIA. Disponível em
<http://en.wikipedia.org/wiki/history_of_nigeria>. Acesso em: 01 jun. 2010.

HISTÓRIA DO APARTHEID. 11 mar. 1744. Disponível em
<<http://www.africanaencyclopedia.com/apartheid/aphartheid.html>>. Acesso em: 05
mai. 2010.

ROUPAS AFRICANAS. Disponível em
<<http://www.onespirit.connects.com/imagens/african%20clothing.jpg>>. Acesso em 01
jun. 2010.

LUMBA; daddy. 27 mar. 2009. Disponível em
<<http://www.modernghana.com/lifestyle/765/16/biography-daddy-lumba.html>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

GALL; thompson. 2005. Disponível em <<http://www.bookrags.com/biography/wole-soyinka/>>. Acesso em 27 jun. 2010.

BORDEN; timothy. Disponível em <<http://www.answers.com/topic/ken-saro-wiwa>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

STOCKHOLM. the nobel fundation. 2004. Disponível em <<http://nobelprize.org/nobel-prizes/literature/laureates/2003/coetzee-bio.html>>. Acesso em 27 mai. 2010.

KAYO; Patrice. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/patrice_kayo>. Acesso em
27 mai. 2010.

HISTÓRIA DE CAMARÕES. Disponível em
<http://www.postcolonialweb.org/africa/cameroon/liking12_html> Acesso em 27
mai. 2010.